

Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



LORETTA YOUNG, a linda vedeta da Aliança-Filmes, que vamos ver na comédia «OS MÉDICOS TAMBÉM SE CASAM»

2.ª SÉRIE — N.º 17 — PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS — LISBOA, 3 DE MARÇO DE 1941 — PREÇO: 1\$50

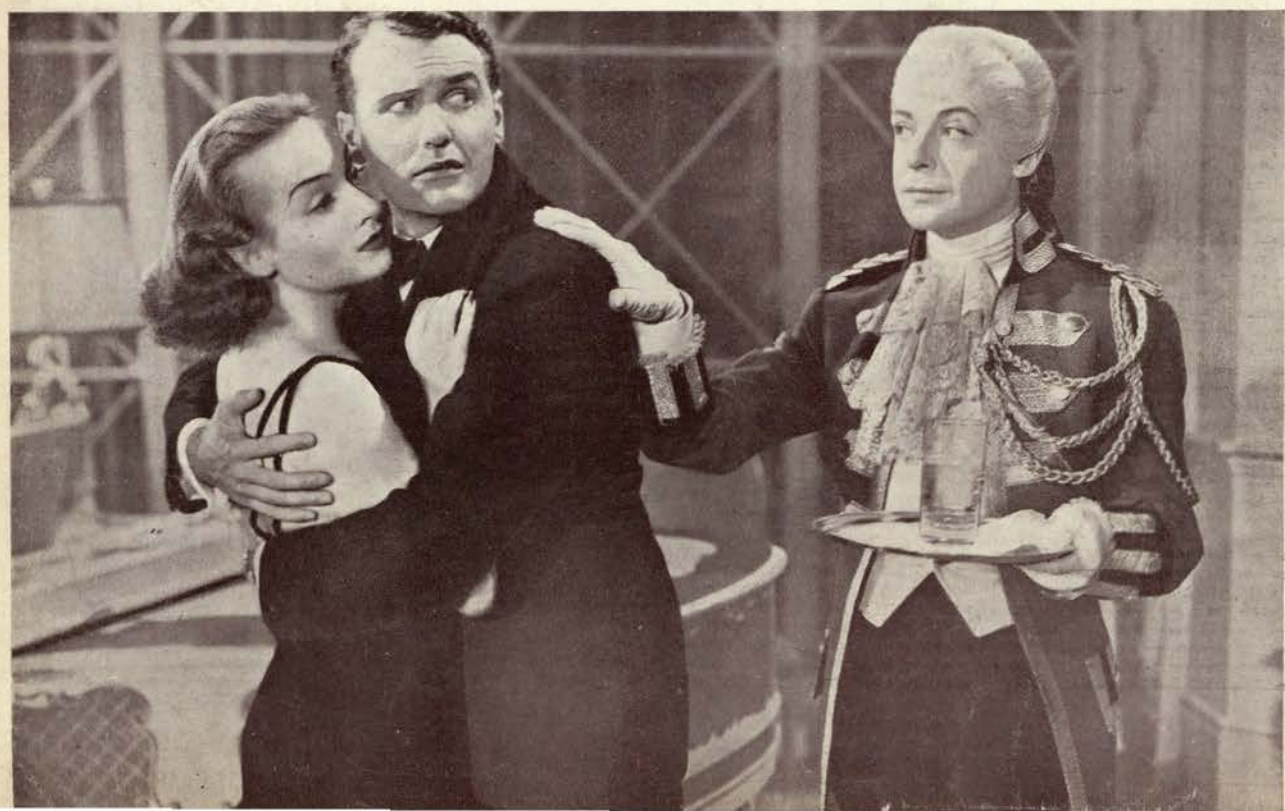


Um novo grande êxito da S. I. F. em perspectiva

ESCÂNDALOS DE AMOR

uma comédia de espírito e de imprevisto inexcelsíveis, com

CAROLE LOMBARD e FERNAND GRAVEY





BARBARA STANWICK

A vedeta excepcional que vamos ver no filme «Os Quatro Cavaleiros da Vitória» (Paramount)



LEW AYRES

O galã de «A Oeste Nada de Novo» e de «A Irmã de Minha Noiva» (R. K. O.) hoje exclusivo da M. G.



Filmai os vossos filhos !

Vossos filhos crescem, mudam... Com que cuidados e carinho acompanhais o desenvolvimento dos vossos adorados "pequenos". Quantos não desejariam se conservassem sempre pequeninos, nas suas travessuras...

Com **Ciné Kodak Oito** reviveréis os dias felizes de vossos filhos. Podereis mostrar-lhes, mais tarde, como eram quando meninos. Será possível dar-lhes prazer maior? Haverá lembrança mais grata ao coração de Mãe?

Decida já. Filmar com Ciné Kodak Oito não é caro nem difícil. Cada cena não custa mais do que uma vulgar fotografia. Peça uma demonstração sem compromisso

CINÉ-KODAK

KODAK L^{da} - R. GARRETT 33 - LISBOA

8



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 4 8276 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL — Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTONIO LOPES RIBEIRO

PREÇOS DA ASSINATURA

Ano 78\$00
Semestre 39\$00
Trimestre 19\$50

Distribuidores exclusivos:
EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef. P. A. B. X. 27507) — LISBOA

OS LEITORES MANIFESTAM-SE CONTRA OS INTERVALOS!

São inúmeras as opiniões favoráveis à sua imediata e inevitável supressão

As leitoras continuam a escrever — e os leitores também — acerca do segundo intervalo. A nossa campanha encontrou um eco lisonjeiro. Muita gente nos tem telefonado a pedir a projecção continua do filme de fundo, a aplaudir a nossa iniciativa e a perguntar:

— Daqui a quantos dias acabará o 2.º intervalo?

— «Melita» — uma gentil leitora — enviou o seguinte postal a António Lopes Ribeiro:

«Um grande «apoiado» ao seu artigo «Abaixo o intervalo!» Eu, que tanto detesto o intervalo no meio dos filmes de fundo, fiquei radiante com o seu grito de guerra. Bem haja! Todo o seu artigo me agradou, pois sou uma espectadora que não aproveita os intervalos para nada...»

Uma opinião ponderada

«Uma Amiga do Cinema», leitora que demonstra inteligência, ponderação e bom-senso, enviou também uma carta aplaudindo o citado artigo e acrescentando:

«Por outro lado, porque não se havia de fazer na vossa revista um inquérito (no género daquele feito a propósito do filme «Mulheres») junto de pessoas em destaque, críticos, escritores, jornalistas, etc., sobre a questão do intervalo? Tenho tanta confiança que a maioria dêles, senão todos, nos daria razão! E a aprovação dessas pessoas talvez animasse o público!

«Por fim, quanto aos donos das casa de espectáculos, quanto aos directores de empresas que tenham interesses na existência do 2.º intervalo... pois bem, que diabo! é convencê-los também!

«Que sacrificarem também um nadinha de tais interesses à inteligência e harmonia do espectáculo... E, além disto, talvez se possam defender, por outro lado, sem sacrificarem o filme de fundo e os espectadores cinéfilos. Por exemplo, diz o senhor (e muito bem) que aumentem o 1.º intervalo; 15 minutos é razoável. Chega para visitar o «foyer» e ir lá fora fumar um cigarro...»

malditos cigarros que, apesar de fumados lá fora, conseguem tornar a sala enevoadada e sufocante... — mas, perdão, isto é outra história, como diria Kipling...»

«Podiam também fazer-se fitas de publicidade curtas, de três a cinco minutos, bem feitas claro está, como a dos 3 cavaleiros que partem à conquista... da Cafiaspirina (!) etc.»

Fumadores que não são favoráveis ao intervalo

«Leão da Metro» fez-nos ouvir o seu potente... «rugido». Diz êle, protestando contra o 2.º intervalo:

«Vós, massas anónimas de estudantes cinéfilos, grupos de amigos que se reúnem para ir ao cinema, vejam bem a sensação de mau estar que produz o golpe no meio da fita, e exteriorizem-na, caramba! Não é preciso mais nada! As pequenas que estão na sala, o cigarro que aqui se torna um vício duas vezes, não devem ter poder suficiente para prejudicar uma fita que custou milhões. De resto, há o primeiro intervalo que, sem lesar o espectáculo, chega e sobra para satisfazer todos estes vícios, criados afinal de contas pelo próprio intervalo e não pela necessidade pública.»

«M. R. R.» não é menos explícito quando nos escreve:

«...Onde todos os frequentadores de cinemas, e principalmente os cinéfilos, estão de acordo, é na reprovação do facto de se cortarem as fitas, mesmo de grande categoria, com um intervalo que não tem razão de ser.

«Para fumar um cigarro, para alguns minutos de conversa, para ver quem está, os primeiros dez minutos — às vezes mais de dez — chegam perfeitamente e só com um intervalo nunca teríamos no meio dum filme, geralmente numa altura de interesse, de fazer um compasso de espera. — «Porque a um cinema vai-se para se ver Cinema e não está

certo que se divida uma fita em duas metades, medida absolutamente anti-cinematográfica.»

«Flor Tropical» enviou-nos o seguinte postal em que se manifesta partidária fervorosa dos filmes projectados sem corte:

«...Como não podia deixar de ser, declaro-me inimiga do famigerado intervalo. Abaixo com êle!»

Os leitores escrevem a «Bel Tenebroso» aplaudindo a nossa campanha

«Bel Tenebroso» recebeu, por seu turno, os seguintes postais de protesto contra o 2.º intervalo:

«Escrevo-lhe este com o fim exclusivo de aprovar a V.ª campanha contra o 2.º intervalo. Deitem, deitem abaixo, que eu também empurro um bocadinho.» — I LOVE SHIRLEY TEMPLE

«...confesso que estou absolutamente de acordo com a supressão do estúpido intervalo a meio do filme principal. Eu e todas as pessoas com que trato.» — CINEMÓFILO.

«...escrevo hoje para lhe dizer, a propósito dos intervalos:

«— Qual fumar durante o espectáculo!? Não, senhor. Deita-se abaixo o intervalo e não se fuma!

«Eu também sou grande fumador e contudo já não abandono uma sala de espectáculos só para ir fumar. Podem contar comigo para deitar o intervalo abaixo.» — ABEL DIABÓLICO.

Recorda-se que «Animatógrafo» não prejudicará quaisquer interesses

Aqui ficam arquivadas mais algumas das muitas opiniões que chegam diariamente a esta redacção.

Agradecemos os aplausos mas ousamos lembrar, para evitar possíveis más interpretações, que:

— «Animatógrafo» não vai suprimir os intervalos, mas sim evitar o corte do filme de fundo.

— O número de intervalos mantém-se por consequência.

— Nem o exibidor é lesado; nem o público fica prejudicado; nem os bufetes, os vendedores de cigarros e de chocolates ou os anunciantes dos mostruários sofrem com a inovação.

— «Animatógrafo» iniciou a campanha contra o 2.º intervalo, respeitando todos os interesses, artísticos e comerciais, favorecendo mas não prejudicando seja quem for ou seja o que for.

Sabido isto, continuamos o nosso caminho, contra o malfadado 2.º intervalo, espanto dos estrangeiros nossos hóspedes e arrelia dos verdadeiros espectadores de Cinema.

CONCURSO DE PROGRAMAS

A propósito dos programas dos cinemas que os leitores começaram a coleccionar para poderem tomar parte no GRANDE CONCURSO que nos propomos organizar no decorrer deste ano, e que se baseia nas MAIS COMPLETAS COLECCOES DE PROGRAMAS que forem apresentados, esclarecemos que cada concorrente só deve reunir os que dizem respeito ao cinema ou aos cinemas da cidade, vila ou aldeia onde reside e que frequenta. Não se trata, pois, de colecções de programas dos diferentes cinemas de Portugal. Deitem-se com alma ao concurso! «ANIMATÓGRAFO» promete valiosos prémios e «ANIMATÓGRAFO» cumpre sempre o que promete.

Os exibidores estão de acôrdo, mas...

Continuamos hoje a publicação das opiniões dos exibidores de Lisboa acerca do momentoso problema do intervalo a meio do filme de fundo. Temos de reconhecer que, ressalvadas certas questões de ordem comercial, absolutamente respeitáveis e perfeitamente solucionáveis, não há atritos nem dificuldades para se não interromper a projecção do filme-base. Fomos bem recebidos por todos os exibidores — muitos dos quais estavam a par da nossa iniciativa e a todos agradecemos as suas opiniões, que permitirão a «Animatógrafo» estabelecer a solução exacta do problema em equação, sem ferir interesses nem susceptibilidades.

Voltam a ter a palavra os exibidores.

«O intervalo mutila o filme. Todavia...» — declarou-nos Carlos Moreira

Alegre, com a vivacidade e a jovial franqueza que o caracterizam, Carlos Moreira recebeu-nos no Politeama. E, diante duma chávena de café, confidencia a sua opinião:

— Pessoalmente, sou contra o intervalo que mutila os filmes. Como exhibidor, considero, porém, bom o sistema adoptado nesta casa. Não condeno, porém, o projecto da exhibição seguida das películas de fundo, entenda-se. Mas nem eu, por exemplo, sou grande fumador. Não sei se poderia suportar tão longo compasso de espera. De resto, há hábitos adquiridos... O público que enche as nossas casas de espectáculo quer ver-se, admirar-se... Bem sei que «Animatógrafo» não pretende acabar com os intervalos, mas sim com o que divide um filme em dois. Todavia, faço notar: menos da que um intervalo seria impossível e mais de dois seria demasiado...

O Condes perante o problema

Castelo Lopes não estava (só o apanhámos mais tarde), mas encontramos, em seu lugar, Virgílio Costa, gerente do Condes, que respondeu com franqueza:

— A propósito dos intervalos no meio dos filmes de fundo... Parece-me preferível que interrogue Castelo Lopes. Pessoalmente digo-lhes: cada qual sabe de si, das suas conveniências comerciais, e do seu público, não é verdade? Não concordo com a supressão desses intervalos. Deixemos estar o que está e que o público aceita de boa vontade. — Mas é o próprio público que protesta — observámos.

— O Condes tem uma frequência especial, como qualquer outra sala de espectáculos. Não sei como ele receberia a supressão reclamada a meio dos filmes de fundo. Essa supressão obrigá-los-ia a modificar a constituição dos programas?

— De modo nenhum — esclarecemos.

— Ou forçar-nos-ia a alterar o horário do espectáculo? Lembro-lhes, a propósito, que o público só enche esta sala depois das 10 horas, corridos os complementos, que muito boa gente

Prossegue o nosso inquérito à-cêrca do segundo intervalo

não quer ver... Mas falem a Castelo Lopes.

Falámos. E eis o que este nos disse:

— Por mim, condeno o intervalo. Lá fora, no estrangeiro, os filmes passam a seguir e assim é que está certo. Todavia, entre nós, muita gente que vai ao cinema gosta do intervalozinho para fumar, para se ver, para conversar. Não sei se, por exemplo, o público do meu cinema aceitaria a projecção contínua dos filmes de fundo. Em qualquer circunstância, é conveniente pensar-se bem na questão dos bufetes e dos mostruários, que representam interesses comerciais importantes e respeitáveis. E é ainda conveniente pensar nos senhores espectadores que gostam de fumar e que têm de esperar pelo intervalo para acenderem o cigarro...

E o Eden Teatro?

Lopo Lauer responde-nos com a vivacidade que o caracteriza, e com sua bonomia habitual:

— Se me perguntar o que penso dos intervalos a meio dos filmes, debaixo do ponto de vista artístico, só lhe posso dar uma resposta: não têm justificação possível. Mas o problema que «Animatógrafo» levanta não é tão simples, pois não pode esquecer o factor comercial. Quere dizer: se mantenho no Eden o intervalo a meio dos filmes é porque sinto a sua «necessidade», sob o aspecto comercial. E sabe, porque sinto essa necessidade? Porque vejo os espectadores «prepararem-se» para vir ao cinema, como a um espectáculo de circunstância. Só em Portugal se vê isso. Lá fora as pessoas vão ao cinema com a maior despreocupação, para passar um pedaço de tempo. Entre nós «ir ao cinema» é uma coisa complicada, uma função séria — para a qual se vestem os fatos de ver a Deus e se põem peles caras.

Ora é evidente que isto não se faz apenas para se estar às escuras, a ver as fitas...

— Mas não acha que o espectáculo cinematográfico ganharia com a transformação das suas actuais condições de exploração?

— Certamente! E quem me dera! O desaparecimento do segundo intervalo seria o primeiro passo para o regime das sessões contínuas, que vigora em todo o mundo, regime que, evidentemente, só poderia agradar aos exibidores.

Confesso que me prestaria de bom grado a uma experiência, se ela fosse posta em prática por todos os exibidores de Lisboa. Mas para a tentar, vejo a necessidade de conseguir primeiro duas coisas: primeiro, convencer o público a vir ao cinema com a mesma simplicidade com que vai ao café! — e depois obter a revogação da proibição de fumar nos cinemas, que também só existe em Portugal.

Inquérito no Central Cinema

No Central Cinema.

— Álvaro Pires? Chega esta noite, ou amanhã, do Norte — elucida-nos Luiz de Oliveira.

— Enquanto esperamos por ele, dê-nos a sua opinião sobre a questão dos intervalos.

— A minha opinião? Acho que eles prejudicam os filmes de fundo, que não foram feitos para os suportar. Mas falem a Álvaro Pires...

Todavia, o gerente do Central Cinema não chegou a tempo de ser ouvido para este inquérito e nós ficámos-nos, por aqui, com a opinião pessoal de Luiz de Oliveira.

No Europa, os intervalos não cortam os filmes!

Desta vez recorremos ao telefone... O gerente do Europa, pareceu um pouco surpreendido com a nossa pergunta.

— Não, não... No Europa, abolimos há muito o intervalo a meio dos filmes. O público compreendeu a nossa iniciativa e nunca se cansou ou aborreceu. Pelo contrário, está mais interessado. No Cinearte, não cortamos o filme de fundo, mas ainda não abolimos totalmente o intervalo a meio do filme de complemento. Há razões especiais que nos levam a proceder assim, mas ainda não desisti de acabar, logicamente, com ele. Frizo, contudo, que os filmes de fundo são sempre projectados a seguir. Nem por sombras lhe metemos um intervalo!

«O intervalo tem inconvenientes e vantagens» — disse-nos o dr. Campos Figueira

Ligámos para o Capitólio. O dr. Campos Figueira atende o telefone.

— A supressão brusca dos intervalos a meios dos filmes pode surpreender os espectadores. E creio que a essa supressão andaria ligada outra: a da proibição de fumar nos cinemas. Muitos homens — e até muitas senhoras — não poderiam ver passar ininterruptamente certos filmes de 3.000 ou 3.500 metros. Cada cinema sabe de si e tem, quanto ao sistema de trabalho, quasi um método próprio. O caso dos cinemas de «reprises» é diferente do caso dos cinemas de estreia. Os nossos programas — depois — são longos. É preciso que o público descanse. No Capitólio, damos um intervalo no fim dos complementos, outro no fim do primeiro filme e outro a meio do segundo. Para programas extensos, acha conveniente usar este processo. Até hoje, temos-nos dado bem com ele e ninguém protestou.

Tem inconvenientes o intervalo? Tem, sim, senhores; tem inconvenientes e, ao mesmo tem-

po, vantagens. Não se esqueçam de que se ele existe, por algum motivo é, e que a ele estão ligados interesses comerciais muito importantes.

— Mas ninguém suprime nem reduz os intervalos — observámos: Falamos apenas no corte do filme de grande metragem...

— Por mim fala o sistema adoptado no Capitólio. Como disse, reconheço os inconvenientes do intervalo, mas também lhe vejo numerosas e importantes vantagens...

Uma opinião positiva, simples e concisa

Do Rex, responde-nos o gerente:

— Intervalos a meio dos filmes? Nada, nada, isso não se usa cá na casa! Há muito tempo que banimos o tal intervalozinho. E assim é que deve ser! Como os filmes não são feitos para se lhes meter intervalos, geralmente era uma atrapalhão para os colocar, e nem o público ficava satisfeito, nem nós. Nada; intervalos, só no fim dos complementos e a separar dois filmes de grande metragem. Assim é que é.

Últimas opiniões recolhidas nos cinemas de reexibição de Lisboa

O gerente do Paris, declarou-nos:

— Aceito a sugestão do corte do intervalo a meio dos filmes de fundo. Já temos feito isso e o público não se manifestou. Geralmente, porém, mantemos o intervalo a meio do filme-base. Mas, se o quisermos suprimir, toda a gente aceitará a iniciativa. Não tenha dúvidas: toda a gente a aceitará.

Do Chiado Terrasse responde-nos Pariente com grande cortezia:

— Na minha opinião pessoal, os filmes são sempre prejudicados com o 2.º intervalo. Como exhibidor, direi: muitas vezes há conveniência em mantê-lo, principalmente quando se trabalha em conjunto com outro cinema. Nós, aqui, trabalhamos com o Lys. E, embora seja muito raro cortarmos os filmes, casos há em que, pela força das circunstâncias, somos obrigados a fazê-lo. A norma, porém, é dar-se intervalo no fim dos complementos e outro entre os dois filmes dos nossos programas duplos.

A opinião do gerente do Lys é interessante.

— Como exhibidor — disse-nos — tenho que ter em certa consideração os intervalos, visto que trabalho em conjunto com outra sala de espectáculos. E, para que não haja falha na projecção, sou forçado a interromper a meio o filme de fundo. Particularmente, prefiro que a projecção dos filmes seja contínua. É mais interessante. Além disso, diga-se em abono da verdade, os filmes não foram feitos para suportar intervalos a meio...

E reforça a sua opinião pessoal com esta frase:

— Assim é que é!

(Continua no próximo número)

PANORÁMICA

■ O Dia Nacional do Espectáculo Cinematográfico

Prosegue activamente a preparação do «Dia Nacional do Espectáculo Cinematográfico», a favor das vítimas do ciclone, conforme referimos largamente no último número. Do Grémio Nacional dos Cinemas recebemos uma carta amabilíssima, em que nos é comunicada a mais inteira adesão moral à generosa ideia que tão gostosamente apoiámos.

Também nos comunicou o mesmo Grémio a cópia duma outra carta, enviada ao Grémio Nacional dos Distribuidores de Filmes, em que se sugerem e preconizam várias coisas, a saber:

1.º — Solicitar o apoio de toda a imprensa portuguesa, para que a manifestação tenha «o carácter duma festa da família cinematográfica, sem exclusivismos que restrinjam ou reduzam a amplitude nacional que a ideia deve ter».

2.º — Criar uma Comissão Central em Lisboa e várias Comissões Regionais em todo o país.

3.º — Conseguir a «supressão das despesas que habitualmente oneram os espectáculos e são designadamente as dos impostos cobrados pelo Estado, energia eléctrica, bombeiros e impostos municipais, polícia, transporte de programas, pessoal dos cinemas, publicidade e impressão de bilhetes».

4.º — «Lembra que, desde que tais despesas não sejam suprimidas, a sua importância, mesmo reduzida, deve ser descontada no produto líquido de tais festas».

Com as duas primeiras concordamos inteiramente. Com a terceira, parece-nos não ser necessário tanto, mas sim apenas todos os impostos, o transporte dos programas, a polícia, os bombeiros e a publicidade. O pessoal seria pago, mas o que ganhassem nesse dia seria entregue integralmente para juntar ao produto dos bilhetes. E não supomos que haja que ficar a dever favores às companhias de electricidade ou às tipografias para se poder levar a efeito o festival. Quanto à quarta sugestão, discordamos inteiramente, pois a fazer-se tal desconto, a contribuição dos cinemas ficaria reduzida à cedência dum espectáculo em que, em condições normais, poderiam inclusivamente perder dinheiro.

A não ser que ganhem sempre e a gente não saiba.

■ Tintas

Parece que alguns leitores mais jovens ou mais despreocupados desconhecem um facto de que, no entanto, se fala todos os dias em todos os jornais: estamos em plena guerra. E fazer um semanário em plena guerra para o vender a 1\$50 obriga a sacrifícios de toda a ordem. A cabeça desses sacrifícios figuram os sacrifícios gráficos. Devido ao bloqueio à guerra submarina, à restrição de importações, não vem papel, nem tintas, nem nada do estrangeiro em quantidade, com a variedade, a qualidade ou a pontualidade necessárias. A tinta que empregámos no nosso último número, por exemplo, era a única que havia em quantidade suficiente no nosso fornecedor actual. Para mudar, neste número, houve que recorrer a misturas improvisadas. Para o próximo — será o que Deus quiser.

É a guerra.

Outros jornais de cinema, filiados em grandes empresas gráficas e editoriais, acabaram sem outro motivo para acabar além dessas mesmas dificuldades.

«Animatógrafo» não acaba — porque não quer acabar e entende que não deve acabar.

Em defesa das obras-primas

«Animatógrafo» não depende de nenhuma empresa, grande ou pequena, cinematográfica ou editorial. Nasceu pela vontade de uma só pessoa e pelo apoio incondicional de muitas outras, todas as quais lhe têm prestado e prestam a mais decidida e franca colaboração — com o seu trabalho na redacção, pelo seu desinteresse na propaganda, pelo seu cuidado na realização gráfica, pela regularidade com que anunciam nas nossas páginas. Em cada redactor, desenhador, fotógrafo, gravador, tipógrafo, compositor, impressor, distribuidor ou exibidor, «Animatógrafo» orgulha-se de contar com um amigo.

Supomos dever tão invejável favor ao fim que realmente nos propuzemos: servir o Cinema, a Cinematografia em si mesma, por que a amamos e a temos por muito valiosa e útil.

Cumpre-nos não recuar portanto perante coisa alguma que possa servi-la nos seus interesses profundos, como Arte e como Espectáculo (o que não é bem a mesma coisa) tomando todas as atitudes, por menos cómodas que sejam, e todas as iniciativas, por mais arriscadas.

Decidiu assim fazer justiça, usando os meios de que dispõe, aos filmes de grande classe, às obras-primas indiscutíveis que forem recusadas pelos exibidores a pretexto de não serem «comerciais».

Note-se bem que semelhante atitude não é tomada «contra» os exibidores — que têm o pleníssimo direito de recusar um filme que julguem não agradar ao «seu público» — mas sim «a favor» dos referidos filmes, e por conseguinte do Cinema.

Pugnar em defesa das obras-primas cinematográficas é missão natural de qualquer revista cinematográfica que se prese. À primeira vista, poderá parecer portanto que nos enfeitamos com uma coisa corriqueira, sem novidade nem alcance particular.

Mas é que «Animatógrafo» não se limita a escrever artigos, mais ou menos bombásticos, encomiásticos e elásticos sobre as referidas obras-primas: VAI ELE PRÓPRIO APRESENTAR ESSES FILMES, DE ACÓRDO COM A FIRMA QUE OS DISTRIBUIR!

Que dizer: os exibidores recusam determinados filmes que «Animatógrafo» considera obras-primas, dignas de serem apreciadas pelo público cinéfilo. «Animatógrafo», de colaboração com o distribuidor desse filme, toma por conta própria a sua exibição, lança-o como julgar conveniente e procura ganhar-lhe o êxito de que é merecedor, pela sua alta categoria. Se acertar — tanto melhor para o Cinema e para todos. Se falhar — fica-lhe a consciência de ter cumprido o seu dever.

Isto não é um simples projecto. O primeiro desses filmes já foi escolhido. Distribuiu-o a Sonoro-Filme, que compreendeu e aceitou o plano audacioso proposto por «Animatógrafo». Intitula-se em português, (e fomos nós que o baptizamos) — «AS MÃOS E A MORTE». É nada mais nada menos que o famoso «Of Mice and Men», encenado por Lewis Milestone, o realizador de «A Oeste Nada de Novo». Interpretam-no Betty Field, Burgess Meredith e Lon Chaney Júnior. Produziu-o Hal Roach, para a United Artists.

No próximo número, dedicar-lhe-emos um artigo especial.

Mas os nossos leitores podem estar certos, desde já, que se trata duma autêntica, duma indiscutível obra-prima.

Tão indiscutível ela é — calculem — que até os exibidores que a recusaram a consideram como tal!

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

Mas precisa do apoio *consciente* dos seus amigos e leitores. E esse apoio deve começar pela compreensão do momento e dos sacrifícios que ele impõe a todos.

■ Assuntos «tabús»

O nosso querido amigo Augusto da Costa escreve-nos uma espirituosa carta, em que nos pede esclarecimentos sobre o eco que publicámos acerca do seu livro «Os Sete Pecados Mortais da Vida Nacional». Pede-os com a maior bonomia e delicadeza, diga-se desde já. Mas interpretou, decerto por insuficiência de redacção nossa, certa frase publicada, num sentido tão contrário ao que lhe demos que nos cumpre esclarecê-la prontamente.

Louvámos a coragem de A. da C. por «abordar assuntos tabús».

Não queríamos dizer com isso que o cinema era assunto *tabú*, «Sylva Exhotérica para Raros, apenas», nem discutimos a

outros que não sejam técnicos o direito de abordá-lo. Referimo-nos à discussão corajosa dos *pecados*, (aos do cinema e aos outros), que os indiferentes e os cobardes, ao contrário do Autor, se furtam a discutir, pois tais estadeios de verdades claras não são de molde a atrair simpatias, antes acarretam sobre os que as proclamam (os profanadores do *Tabú*...) toda uma série de contrariedades.

Daí o nosso louvor, que nada tinha de irónico.

Mas quisemos dizer que, independentemente da louvável e desassomburada *atitude*, sabíamos não serem exactas certas *explicações* dadas e que discordávamos de certas *soluções* propostas.

Quanto ao desenvolvimento necessário deste nosso ponto de vista, tenha A. da C. paciência: ainda não dispomos hoje de espaço nem de tempo para o fazer, consoante prometemos — e cumprimos.

A RESSURREIÇÃO DE

MARLENE

E A REHABILITAÇÃO DOS FILMES DE COW-BOYS



Uma cena de grande realismo que mantém em respeito não só a figuração, mas também o espectador

Há muitos anos, estreou-se, no Odéon, uma película muda, que se intitulava «A Princesinha Olalá» e que tinha por protagonista certa vedeta, nessa altura tão apreciada como hoje, por exemplo, o é Norma Shearer. Chamava-se ela Carmen Boni e era uma jovem italiana, casada com o director Augusto Genina e que trabalhava muito em estúdios alemães. Aliás, germânica também era essa «Princesinha Olalá», comédia singela, de curto fôlego.

Na noite em que vi esse filme, impressionou-me particularmente a presença duma jovem artista que, uma ou outra vez, aparecia na acção nas funções limitadas de confidente e conselheira da ingénua. Tinha, essa menina, umas pernas lindas, que generosamente exhibia na cumplicidade propositada dum «negligé» espectacular.

A saída, fui pesquisar, nos cartazes, o nome da aliciante adventícia e lá o encontrei em letras quase invisíveis — Marlene Dietrich.

Se bem me lembro, na crítica que então escrevi da «Princesinha Olalá», apontei os dotes da desconhecida e fiz previsões sobre as possibilidades de a vermos em papéis de maior vulto.

Quando, tempos mais tarde, soube que a «minha» descoberta ia ser a protagonista de um grande filme da Ufa, que se intitulava «O Anjo Azul», impei de satisfação e orgulho pela pronunciada vocação que eu revelara na arte difícei dos Bandarras e Nostadamus.

É verdade que, depois disso, nunca mais profetizei, nem o futuro de outrem, nem o meu...

O que aguardei, com a ardente impaciência dos meus 25 anos cinéfilos, foi a estreia do anunciado «Anjo Azul», e a verdade é que vim entusiasmado, do S. Luiz, encher, no «Cinéfilo», duas colunas de louvores em honra de Marlene Dietrich, sem injustiça, porém, para com a maestria do Jannings, que, desde os tempos da pobre Lya de Putti, vinha sendo a vítima predilecta das vampes de pernas provocantes... Pe-

na a Ufa ter trocado a exibição das meias de seda pela do caedal lustroso das botas nazis... Evolução dos tempos, em que a moral talvez tenha ganho, mas onde as bilheteiras ficaram de certo a perder!

Como não podia deixar de ser, a América cobiou logo a extraordinária Marlene, principalmente aqueles que queriam opôr, à vitoriosa Greta Garbo, uma concorrente de força. Mas pode muito bem haver duas «vamps», de tão forte talento e independente personalidade, que caminhem a par, sem se tocarem nem prejudicar. Greta e Marlene defrontaram-se e saíram ambas vitoriosas num decisivo empate, em que o processo de cada uma se manteve triunfante até que o tempo e a evolução da moda pouco a pouco extinguiu o estilo das mulheres fatais.

Gradualmente, com tal modificação, as pernas famosas e formosas de Marlene foram-se escondendo sob vestidos recatados, e as canções roucas deixaram de se lhe ouvir dos lábios escarlates. Mas, ao mesmo tempo, o público, desinteressado, foi-lhe virando costas, provavelmente aborrecido das últimas películas da estrêla.

Foi então que a Universal teve uma ideia, afinal simples, mas de resultados seguros: Porque se não havia de ressuscitar a Marlene dos triunfais tempos do «Anjo Azul» e de «Marrocos»? O produtor Joe Pasternak, quando tem uma ideia, raras vezes deixa de a pôr em prática. Chamou a artista, que errava, melancolicamente, em França, à espera de um problemático contrato, deu-a por companheira ao excelente James Stewart e surgiu com esse espantoso «Destry Rides Again», que resultou o maior êxito dos últimos tempos da América e ratificou o contrato da artista que, logo a seguir, fez «Os Sete Pecadores» e que já começou, dirigida por René Clair, «A Condessa de Nova Orleans».

Nesse mesmo Odéon, em que, há mais duma dúzia de anos, «descobri» Marlene Dietrich, assisti, há poucos dias, à ressurreição da artista, outra vez can-

Da «Princesinha Olalá» à «Cidade Turbulenta» — Das antigas «westerns» de William Shakespeare Hart a «Destry rides again»

tando na sua voz rouca, outra vez exibindo as pernas famosas, outra vez tão exuberante de personalidade e talento como nos seus mais gloriosos tempos.

Aliás, «A Cidade Turbulenta» — o filme que marcou o seu vitorioso regresso — é uma obra absolutamente notável, vivida por artistas esplêndidos, animada por um argumento e uma realização fremente de Cinema e daquela qualidade de estilo que um crítico americano muito ajuizadamente comparou aos melhores «westerns» de William S. Hart.

Depois, «A Cidade Turbulenta» pode muito bem ficar na História da Cinematografia como a reabilitação de um dos mais cinematográficos dos géneros: a aventura do Oeste, a que o citado William S. Hart dera categoria clássica, mas que uma horda de incultos vaqueiros estragou e banalizou, relegando-o para os sec-

tôres mais modestos da indústria. A Universal, com «A Cidade Turbulenta», iniciou auspiciosamente essa campanha de engrandecimento artístico dos «westerns». Marlene Dietrich e James Stewart, com a categoria dos seus nomes, atraíram, para o género, os cinéfilos elegantes da Broadway, que vieram de lá entusiasmados com a excelência geral do filme. A seguir, Kay Francis, é colocada, pela mesma Universal, à cabeça do elenco de «When the Daltons Rodes». Depois, chega a vez de Franchot Tone vestir a blusa de «cowboy», em «Trail of the Vigilantes». O género está decisivamente reabilitado e oferecendo, a todos os sectores de público, condições de espectáculo e interesse que ninguém suspeitaria nele existirem.

Vejam «A Cidade Turbulenta» e digam-me se isto não é verdadeiro. — JOSÉ GASPÁR.



Misha Auer, o famoso cómico, tão querido das nossas plateias, tem uma excelente criação na «Cidade Turbulenta»

CINEMA PORTUGUÊS

PUBLICIDADE & PUBLICIDADE

Conhece o leitor «O Mundo Cinematográfico»? Pois é um jornal português, que conta vinte e dois números e se publica de quinze em quinze dias. Escrito à pena, em duas folhas de papel almaço, tem uma tiragem notável, que bem demonstra a beneditina paciência do seu corpo de... tipógrafos: nada menos de doze exemplares! Pois, neste quinzenário, encontramos, a páginas 7 do seu número de 13 de Fevereiro, um artigo assinado por A. B. (um dos directores do interessante «órgão quinzenal dos cinéfilos das Picôas») e que vamos, com a devida vénia, transcrever, porque fica bem nesta secção de «Cinema Português» e porque concordamos com a doutrina exposta.

O artigo intitula-se:

O valor da publicidade

«Muito se tem dito e muito se dirá, por certo, do valor da publicidade na apresentação dos filmes. Esta publicidade, feita por pessoas inteligentes, tanto é apreciada nos brilhantes anúncios dos jornais e revistas, como nos cartazes gigantescos e fantásticos colocados nos tapumes e espessos pelas ruas e vitrines.

«Mesmo no cinema, a propaganda é eficiente, quer nos «trailers», movimentados e sensacionais, quer pelos pequenos e interessantes livretos ou programas distribuídos ao público.

O povo, como sempre, impressiona-se com facilidade por todo este brilhantismo e muitas vezes sem motivo algum. Sim! porque nem sempre a propaganda está na razão directa do valor dos filmes. Películas horribles e baratas têm conseguido acitação somente porque tiveram reclamo eficiente.

O espectador nunca sabe ao certo qual o filme bom ou mau que corre no momento. Todos eles são «o melhor do ano», o

Transcreve-se um curioso artigo do «órgão quinzenal dos cinéfilos das Picôas»

«mais sensacional», «ó mais grandiosos», o filme que «como nunca se viu», o filme que «faz rir até às lágrimas», o «mais emocionante», etc., etc.... Só o valor dos artistas ou o nome do director podem ser garantia da qualidade do filme.

E pensem os publicistas no seguinte: é que os exagerados adjectivos que agora usam acabarão por virar-se contra eles, porque o público acabará por aborrecer-se, ao ver-se sucessivamente enganado e a frequência das salas ressentir-se-á...

A. B.

Na nossa vida profissional já nos coube tratar de publicidade cinematográfica junto de distribuidores e exibidores. E condenamos sempre — sempre! — o critério por eles empregado e que atordoa e enfada o público. Prova evidente de que a adjectivação e as grandes frases acabaram por

causar desconfiância está no facto, bem conhecido, de certo cinema da capital se ter, em tempos, ressentido do abuso. O público leu frases bonitas de publicidade barata e apanhou uma série de filmes fracos. Retraiu-se perante a ousadia. A publicidade redundou em contra publicidade pois vinha a encobrir a fraqueza da produção.

Quem acompanha o sistema de propaganda dos filmes no estrangeiro sabe como esta é orientada, com inteligência e sobriedade de palavras e judicioso emprêgo de «slogans» — quando convém.

O público, de facto, ao pegar nos nossos jornais, já não sabe distinguir a verdade, nem apurar qual é o filme que mais lhe interessa. Os franceses publicavam apenas o título do filme e os nomes do realizador e dos protagonistas. Na Alemanha, quando um jornal anunciava «um filme extraordinário! o filme mais emocionante» já se sabia tratar-se

duma obra inferior que deixava as casas às moscas.

O problema da publicidade dos filmes exige tacto, requiere inteligência e um grande sentido comercial, sem falsear a verdade.

De facto, ninguém corre atrás de adjectivos banalizados. O público vai só atrás, do género do filme, do nome do realizador e dos artistas. Ora, quantas vezes, leitores, falha exactamente, na publicidade diária, um ou alguns destes elementos que são, valha a verdade, os únicos que interessam a todos nós!

MOTA DA COSTA

P. S. — Agradecemos a «Astro 44» a sua gentilíssima carta. A referência que notou num dos nossos últimos artigos não lhe dizia respeito, evidentemente. Não confundamos. «Astro 44» merece-nos toda a consideração. Aceite, pois, os nossos cumprimentos e escreva sempre, que só nos dará prazer. — M. da C.



Há aspectos do nosso cinema que nunca são demais tratados em letra de forma. Um deles é o caso de se ouvir às vezes qualquer produtor afirmar que está disposto a ir trabalhar no estrangeiro, porque as condições que encontra no Luminar não lhe convêm.

Nos nossos dias toda a manifestação de arte está, quasi sempre, unida a um factor económico. É um facto logicamente imposto pelas características da vida actual. No mundo cinematográfico — nesse mundo em que se agitam milhões — é onde mais se acusa essa estreita relação entre o factor económico e o factor artístico.

Recordemos, por exemplo, aquela etapa do cinema falado na nossa lingua que se fez em Joinville, por iniciativa da Paramount. A razão verdadeira daquelas películas estava no seu assegurado êxito junto do público — o público que fala português e que se espalha até o Brasil imenso. Servir esse público extensíssimo com uma série de fitas no idioma que nos é familiar podia converter-se num negócio esplêndido.

Assim o económico se aliava ao artístico.

O assunto tem, de novo, actualidade, a propósito da nossa produção. A importância do aspecto comercial no cinema acentua-se, agora mais do que nunca, em toda a parte.

Evidentemente, que a produção de filmes é uma das maiores indústrias do nosso tempo. É daquelas que agitam maior número de recursos e das que significam mais considerável fonte de lucros. Temos, portanto, a nosso favor como base de expansão, esse mercado de milhões de séres — os mesmos que a produção saída há anos de Joinville pretendia conquistar. Esta é uma das grandes razões que aconselha, à parte o que poderíamos chamar razões políticas, de orgulho nacional, de desejo de afirmação lustada, que a produção falada em português seja filmada em Portugal e por entidades portuguesas.

Frete a esta indestrutível realidade, fácil é pensar qual prejudicial poderá ser se algum dia se vierem a produzir filmes falados no nosso idioma, lá fora. Mas as contrariedades que

daí possam vir também devem ser pensadas pelos dirigentes da parte técnica do cinema nacional. A produção portuguesa feita noutros estúdios mesmo por entidades nacionais significa um prejuízo enorme para a nossa economia e, sobretudo, para o desenvolvimento da nossa indústria.

AUGUSTO FRAGA

FAÇAM-SE programas úteis!

Muitos leitores queixam-se-nos da inutilidade de certos programas que lhes vendem nos cinemas. Ainda se fossem gratuitos — dizem eles — vá que não vá! Não havia reclamações a fazer, mas pagar por cinco tostões quatro páginas de anúncios ou de papel em branco é francamente caro.

Entende-se por programa um documento que elucide o espectador não tanto sobre o espectáculo — porque esse já ele sabe qual é — ou sobre a ordem do mesmo — que ele também conhece — mas a respeito dos vários elementos que colaboraram para esse espectáculo. O programa — como fazem alguns cinemas da capital, embora poucos, deve reunir elementos úteis.

Não nos parece difícil os cinemas interessarem-se pela resolução dum assunto importante para o público e que não lhes dá mais trabalho ou despesa.

SE VAI AO CINEMA
HÁ 10 ANOS ou mais
INSCREVA-SE no
CLUBE DO
«ANIMATÓGRAFO»

A inscrição é gratuita.

Basta escrever um postal para a R. do Atecrim, 65, Lisboa, indicando:

o NOME,

a PROFISSÃO

e a MORADA

e declarar que vai ao cinema há, pelo menos, 10 anos, desde 1930.

Revelação sensacional duma nova menina-prodígio

JANET CHAPMAN

uma actrizinha de 4 anos que representa a valer

neidade, como o Tommy Kelly ou a Ann Gillis de «As Aventuras de Tom Sawyer». Faça o que fizer, dizem os críticos americanos, tem sempre um ar natural, sóbrio, cheio de frescura. Nunca aparenta o impossível e irritante complexo de artificialismo e cabotinismo, tão peculiar em certas vedetas de palmo e meio. Mas, além da sua naturalidade impressionante, a encantadora Janet representa como gente grande, queremos dizer: com perfeita compreensão, com absoluto domínio de efeitos, com emotividade disciplinada por uma inteligência que parece «adultas» se nos permitem esta expressão tão corrente nos americanos.

«histrionica». A transição foi longa, mas eloqüente.

A caminho da glória

A fotografia que ilustra esta página dá já uma ideia da personalidade de Janet Chapman; permite principalmente avaliar o seu enorme poder de simpatia. Mas os nossos leitores poderão dentro em breve completar a impressão hoje formada, pois devemos receber dentro de dias mais fotos da nova estrelinha, que não deixaremos de reproduzir em «Animatógrafo», visto que, pelo que vemos na imprensa corporativa norte-americana, o caso de Janet Chapman é daqueles que merecem a maior atenção, quer debaixo do ponto de vista artístico quer sob o aspecto comercial.

Provas de exame

No seu primeiro filme «Little Miss Thoroughbred» (A Menina da Sorte), segundo lemos nas revistas americanas da especialidade, Janet presta provas absolutamente definitivas. Quer nas cenas patéticas, quer naquelas em que tem de manifestar alegria, Janet porta-se como uma actriz consumada. «A sua interpretação — escreve um crítico de renome — tem a segurança que só os artistas com uma longa carreira conseguem aparentar, e vai direita como uma flecha ao coração dos espectadores. Tal como o velho juiz que a interroga, ninguém normalmente constituído é capaz de ficar indiferente a certa transição do desespero mais amargurado para a radiosa alegria — transição que esse dez réis de gente completa, no mesmo plano, com verdadeira mestria

A última grande descoberta de Hollywood é, como frizámos acima, uma menina-prodígio. Não se entenda, porém, menina-meteoro, destas que aparecem mercê de talento, mas sim uma artista real, cheia de qualidades positivas e que o trabalho, o estudo e a perseverança podem desenvolver e aperfeiçoar.

Janet Chapman surge no cinema no momento exacto em que este necessitava de talentos precoces.

Os produtores de Hollywood contrataram-na com a certeza de que ela não provocará desilusões. A expectativa vai ser satisfeita no nosso país.

De facto, tudo indica que a nova descoberta de Hollywood vai dentro em breve ser uma celebridade mundial. — A. M.



Desde que nasceu, por obra e graça de meia dúzia de sujeitos audaciosos e precursores — os homens que, afinal, fundaram o cinema americano — Hollywood nunca mais descansou, nunca mais adormeceu sobre os loiros conquistados — os loiros e os dólares. Com o frenesim e a regularidade duma metralhadora, Hollywood «bombardeia» o Mundo constantemente com novas descobertas: novas estrelas, novos fenómenos, novos talentos, novos meninos-prodígios — constantes inovações que ela própria devora insaciavelmente, impiedosamente.

A última grande descoberta de Hollywood foi a de uma nova menina-prodígio: Janet Chapman — émula e sucessora de Jackie Coogan, de Tommy Kelly, de Shirley Temple, de Ann Gillis, que vai também encantar toda a gente e tornar-se célebre, de Polo a Polo, como os seus famosos antecessores.

Janet Chapman é um cotomiço dos seus quatro anos que não deve nada à formosura, com as suas pernitais magrizes, o seu ar franzino e a sua carita esgrouviada. Não é bonita — mas, é melhor que bonita, irradia simpatia,

como talvez só o «miúdo do Charlot» irradiava, nos bons e velhos tempos em que Chaplin o revelou ao Universo inteiro.

Um olhar extraordinário...

Janet Chapman tem principalmente um olhar extraordinário, penetrante e magoado, um olhar mendigo de ternura, infinitamente doce e absolutamente irresistível. Ninguém pode ficar insensível ao apelo patético dos seus expressivos olhos claros. É neles que está o grande segredo da sua vitória. Mas Janet Chapman dispõe ainda de outros recursos físicos invulgares: a sua vozita aguda e carinhosa, a expressão do seu palminho de cara que uma cabeleira loira e rebelde emoldura...

O talento gigante duma pequena actriz

A expressão do seu palminho de cara... Chegou a vez de falar no pasmoso talento de actriz dessa pequenota de quatro anos, talento inverosímil, daqueles que só se podem avaliar uma vez vistos. Janet Chapman representa sem esforço, com admirável esponta-

Se vai ao cinema há 10 anos ou mais, inscreva-se no «Clube do Animatógrafo»

A inscrição é GRATUITA. Basta escrever um postal para a Rua do Alecrim, 65, Lisboa, indicando o NOME, a PROFISSÃO, a MORADA e declarar que vai ao cinema há, pelo menos, dez anos, desde 1930

NOVA TRANSFORMAÇÃO

DE

Ginger Rogers



A vedeta-Fregoli mais excepcional e apreciada pelo nosso público volta a encantar-nos com uma interpretação magistral

Ginger, a vedeta-Fregoli...
Concordam?

Claro que sim. Vimo-la em «Gold Diggers» — num velho «Gold Diggers» — ainda corista. Depois dançou com Fred Astaire e foi célebre. Tentou o drama em «Porta das Estrélas» e foi genial. Fez rir em comédias graciosas como «Mãesinha à força» e «Sorte Grande». Depois, experimentou descer ao «bas-fonds», à vida sombria, em «Sombra da rua». Finalmente, vamos vê-la cantar um hino às «raparigas de colarinho branco», no filme «Kitty».

Ginger tem sido uma actriz insuperável e que conseguiu, mercê de muito trabalho e tenacidade, apagar ou diminuir artistas consideradas únicas e insubstituíveis como — citemos um exemplo — Katherine Hepburn.

A sua vida artística é um exemplo excepcional de luta e de perseverança.

* * *

Os próprios cabelos de Ginger Rogers partilham da característica fregoli. Eles têm sido loiros, ruivos, pretos, consoante a sua dona transita de género e muda de personalidade.

Actriz de revista, mãe improvisada, sombra da rua — Ginger tem sido tudo, na tela. Faltava-lhe incarnar uma dactilógrafa e viver uma dessas humildes odisséias da rapariga que entra às nove para um escritório donde sai às seis, já com o sol escondido por detrás dos telhados.

«Kitty Foyle» — «Kitty, a rapariga do colarinho branco» — é um romance excepcional, assinado por Christopher Morley. Devido ao seu êxito invulgar nos Estados Unidos, a RKO decidiu adquirir os direitos e levar a obra à tela. «Kitty Foyle» é considerado, além-Atlântico, como «The natural history of a woman». O seu tema e a sua acção forneceram matéria admirável para um filme curiosíssimo —

um filme no género daqueles que Ginger aprecia interpretar. Em «Kitty, a rapariga do colarinho branco» há de tudo: alegria, mocidade, amor e emoção.

Há também uma surpresa para o espectador. Como poderemos ver na fotografias que ilustram esta página, Ginger Rogers apresenta-se, no seu novo filme, em duas idades: no fim da meninice e em plena adolescência!

* * *

Comparem estes dois retratos e vejam a diferença existente! É a mesma actriz, como os mesmos olhos, os mesmos cabelos... Dir-se-ia nada ter mudado neste rosto. Dir-se-ia que por ele não passou o pincel do caracterizador mas sim o tempo, e que foi o tempo o causador desta transformação miraculosa. Um dos atractivos deste filme é exactamente o facto de Ginger Rogers nos aparecer em duas idades.

Trabalho difícil, mas de que Ginger se salva com espantosa facilidade.

* * *

«Kitty, a rapariga do colarinho branco», é uma história muito à feição de Ginger, a «estréla» que tem, muitas vezes, o privilégio de escolher os argumentos dos seus filmes.

Nesta nova produção que a Rádio-Filmes adquiriu para Portugal, teremos, a par de cenas repassadas de bom humor e muitas de grande e fina comicidade, cenas, dum dramatismo forte e humano, muito ao gosto das nossas platéias um tudo-nada sensíveis e românticas.

A comédia prende a atenção do espectador que fica, desde logo cativado pelo interesse da história e pela beleza e são talento que se desprende de Ginger Rogers.

A história natural duma mulher constitui um momento de mocidade e de emoção no cinema

contemporâneo. E, já que admirámos a Ginger, a talentosa Ginger, em papéis tão dispares e curiosos, de certo gostaremos de a ver incarnando uma menina de colarinho branco («white collar girl») igual a milhares de meninas de colarinho branco que ganham a sua vida na América.

A história — que não nos cumpre desvendar — é de facto, «natural». Tão natural que, por isso mesmo, tem as duas facetas da vida: o riso e a tristeza.

Que, não julguem ir chorar como vides diante de Ginger Rogers. Tudo se passa num ambiente agradável e discreto. Apenas uma ligeira emoção passa de quando em quando.

O público julgará.

* * *

«Kitty, a rapariga do colarinho branco» conta-nos uma história comovedora. É a vida duma «dactilo» empregada num estabelecimento de cosméticos. Não divulgamos o entredo. Basta assegurar o seu alto interesse e o cuidado com que ele foi aproveitado cinematograficamente.

A realização foi confiada a Sam Wood, que trabalhou sobre planificação de Dalton Trumbo, com diálogos de Donald Ogden Stewart. A fotografia, que é de grande beleza, tem a assinatura de Robert de Grasse (A. S. C.) e a direcção artística correu entregue a Van Nest Polglase.

O elenco tem categoria. Além de Ginger Rogers, que está cada vez mais surpreendente, encontramos nomes conhecidos de artistas de cartaz — conquanto não andem nos albums dos autógrafos dos melhores cinéfilos — como Dennis Morgan, James Craig, Eduardo Ciannelli, Ernest Cossart, Gladys Cooper, Odette Myrtil, Mary Treen, Cecil Cunningham e Florence Bate.

«Kitty, a rapariga do colarinho branco» está destinado a um êxito sem igual.

De facto, as críticas americanas exaltam este filme que consideram adorável e amoroso. O assunto provocou discussão nos Estados Unidos, onde o problema das dactilógrafas está na ordem do dia.

O público recebeu «Kitty Foyle» com desusado entusiasmo e chegou a esta conclusão, que, estamos certos, será a mesma a que chegará o leitor quando vir esta comédia que a Rádio-Filmes vai apresentar brevemente:

Ginger Rogers é a actriz mais versátil, e a mais completa, que tem aparecido nas telas. Interpreta tão bem um papel de bailarina como incarna uma personagem dramática ou cômica. Já nos fez rir e já nos fez chorar. Em «Kitty, a rapariga do colarinho branco», que a Rádio-Filmes traz a Portugal, vê-la-emos espiritual e romântica dando-nos cenas em que se demonstra cabalmente o seu extraordinário talento de artista.

A vedeta-Fregoli volta às nossas telas.

O público deve aplaudir não só o seu trabalho, mas também essa nobilíssima figura de mulher que, por amor à Arte e à sua profissão, tem lutado incansavelmente para cumprir a máxima de Goethe: «Quero sempre subir mais alto, quero sempre olhar mais longe...»

A. M. V.

INSCREVA-SE
NO
CLUBE
DO
ANIMATÓGRAFO

OS CANDIDATOS AOS PRÉMIOS DA

“Animatógrafo” publica em primeira mão a LISTA COMPLETA

Podemos dar aos nossos leitores a lista completa dos candidatos aos prémios anuais da Academy of Motion Pictures Arts and Sciences (Academia das Artes e Ciências Cinematográficas), de Hollywood, sem dúvida os mais famosos de todos os que, por esse mundo fora, se atribuem — incluindo a própria Taça e as Medalhas do «Animatógrafo»...

A Academia tem passado por algumas crises que tornam discutíveis os resultados. Mas a mecânica ultimamente adoptada parece ter expurgado alguns indesejáveis. Não discutimos, no entanto, e limitamo-nos a transcrever a «lista oficial», que nos tem sido parcelarmente comunicada, por via directa.

Também não fazemos quaisquer prognósticos, pois a grande maioria dos filmes que figuram na lista ainda não foram vistos por nós. Mas não deixaremos de fazer alguns comentários, que nos parecem oportunos.

OS CANDIDATOS AO MELHOR FILME

São dez os candidatos nomeados para o título de «O Melhor de 1940», que se enumeram por ordem alfabética de títulos originais:

- «All this and Heaven too» (Warner).
- «Foreign Correspondent» (United Artists).

- «The Grapes of Wrath» (Fox).
- «The Great Dictator» (U. A.).
- «Kitty Foyle» (RKO).
- «The Letters» (Warner).
- «The Long Voyage Home» (U. A.).
- «Our Town» (U. A.).
- «The Philadelphia Story» (M. G. M.).
- «Rebecca» (U. A.).

Dêstes filmes, só vimos até hoje em Portugal, «Rebecca». Vamos ver brevemente «The Long Voyage Home» (Tormenta a bordo) e «Kitty Foyle» (Kitty, a Rapariga do Colarinho Branco), apresentados pela Sonoro e pela Rádio-Filmes. Anuncia-se para

esta época «Foreign Correspondent» (Correspondente de Guerra), da Sonoro. Dos restantes serão exibidos durante a próxima temporada, à excepção de dois que não têm probabilidades de exibição: «The Great Dictator» e «The Grapes of Wrath». «Our Town», que foi recusado por um dos nossos primeiros cinemas, talvez agora tenha possibilidades...

Alfred Hitchcock e John Ford têm a honra de ver figurar na lista dois dos filmes que dirigiram: «Rebecca» e «Correspondente de Guerra», o primeiro, «Tormenta a Bordo» e «The Grapes of Wrath», o segundo.

Não se deve estranhar que na lista dos candidatos não figure «Wuthering Heights» (O Monte dos Vendavais), premiado com a Taça do «Animatógrafo», pois esse filme foi produzido em 1939. Figurava portanto na lista dos candidatos ao prémio do ano passado, tendo sido batido por um filme a cores ainda não exibido entre nós: «Gone with the Wind».

É curioso notar que todos os candidatos deste ano são filmes fotografados a preto e branco.

OS CANDIDATOS A MELHOR REALIZAÇÃO

São cinco, dos quais vimos em Portugal apenas um:

- John Ford pela realização de «The Grapes of Wrath».
- Sam Wood pela realização de «Kitty Foyle».
- William Wyler pela realização de «The Letters».
- George Cukor pela realização de «The Philadelphia Story».
- Alfred Hitchcock pela enenação de «Rebecca».

Qualquer destes merece, seguramente, o honroso título de melhor realizador de 1940.

OS CANDIDATOS AO «MELHOR ACTOR DO ANO»

São também cinco, como o decidiu a nova fórmula da Academia. Damo-los por ordem alfabética de apelidos:

- Chales Chaplin em «The Great Dictator».
- Henry Fonda em «The Grapes of Wrath».
- Raymond Massey em «Abe Lincoln in Minois» (RKO).
- Laurence Olivier em «Rebecca».
- James Stewart em «The Philadelphia Story».

Não podemos deixar de estranhar que se não tenha candidato Charles Laughton pela sua extraordinária interpretação em «O Outro» (They Knew what they wanted), e que é, pelo menos, superior à única das interpretações candidatas a que vimos em Lisboa. Leslie Howard, premiado por «Animatógrafo», foi

As primeiras imagens do filme português

«MARIA DA FONTE»

DE LEITÃO DE BARROS



Quem parte leva saudades, quem fica saudades tem... ¿Uma diligência que chega, ou uma diligência que parte?



Uma das primeiras cenas filmadas foi, num cenário magnífico dum largo antigo, uma impetuosa carga de cavalaria

Damos hoje, em primeira mão, duas fotografias de cenas do filme «Maria da Fonte», que Leitão de Barros principiou há dias a dirigir. Trata-se duma primeira volta de manivela — e como tal arquivamos com satisfação estes documentos — a que se não seguirá tão cedo a segunda volta de manivela, pois Leitão de Barros vai agora tratar doutra produção, «Ala, arriba», a que «Animatógrafo» deu já todo o relêvo que merece. «Maria da Fonte», cujas primeiras cenas filmadas se desenrolam no cenário maravilhoso do Bairro Comercial da Exposição de Belem, só deve voltar à baía no fim do ano, no dizer do seu realizador. Todo o material que serviu às cenas registadas — e em que intervieram soldados de cavalaria e centenas de figurantes — ficou à guarda da Tobis Portuguesa, para servir mais tarde, quando «Maria da Fonte» entrar nos estúdios. Estas fotografias documentam o leitor sobre o filme há dias principiado. Nêe encontramos as características habituais dos filmes de Leitão de Barros que lhe deram maior popularidade.

Lamentamos, a propósito, certos factos ocorridos com a figuração, durante as filmagens efectuadas em Belém, e fazemos notar que o problema da figuração não pode ser resolvido de ânimo leve — tanto no interesse dos produtores, como no dos figurantes. Logo que o nosso cinema tenha, como esperamos, carácter de indústria continua, é indispensável que a figuração seja recrutada por intermédio do único organismo susceptível de o fazer satisfatoriamente, e que é o Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema.

ACADEMIA

CINEMATOGRAFICA DE HOLLYWOOD

candidato em 1939, tendo sido batido por Robert Donat, em «Adeus, Mister Chips».

AS CANDIDATAS

A MELHOR INTERPRETAÇÃO FEMININA

Cinco também, e tôdas de força:

— Bette Davis em «The Letters».

— Joan Fontaine em «Rebecca».

— Katherine Hepburn em «The Philadelphia Story».

— Ginger Rogers em «Kitty Foyle».

— Martha Scott em «Our Town».

Se estranhemos a ausência de Laughton, mais temos que estranhar — e até nos indigna! — a ausência de Greta Garbo entre as candidatas, pela sua interpretação em «Ninotchka». Mas conhecemos o bastante a *cozinha* da Academy of Motion Pictures Arts and Sciences, para que o caso se não explique por motivos alheios à justiça pura e simples... Já em 1937 Greta Garbo foi preterida por uma actriz inferior: Louise Reiner, sobre a qual já ninguém consciente hoje tem ilusões. A interpretação de Garbo em «Marguerite Gautier» (Camille) não podia comparar-se sequer à de Rainer na «Terra Bendita», pois a O-han seria bem interpretada por qualquer outra boa actriz e a «Dama das Camélias» encontrou na protagonista de «Ninotchka» a sua intérprete ideal.

CANDIDATOS AS INTERPRETAÇÕES SECUNDÁRIAS

Os seguintes actores:

— Albert Basserman em «Correspondente de guerra».

— Walter Brennan em «The Westerners» (A Última Fronteira, da United Artists-Sonoro, que veremos brevemente).

— William Gargan em «O Outros» (RKO).

— Jack Oakie em «The Great Dictators».

— James Stephenson em «The Letters».

Actrizes:

— Judith Anderson em «Rebecca» («Animatógrafo» não protesta, mas não percebe tal candidatura).

— Jane Darwell em «The Grapes of Wrath».

— Ruth Hussey em «The Philadelphia Story».

— Barbara O'Neill em «All this and Heaven Too».

— Marjorie Raimbeau em «Primrose Path» (Sombras da Rua, da RKO).

ARGUMENTOS, ADAPTAÇÕES E PLANIFICAÇÕES

Este ano, a Academia quis distinguir separadamente, não só os argumentos originais propriamente ditos, das planificações baseadas ou não em argumentos originais, como já fazia, mas aquelas e estas das planificações originais.

Os candidatos são os seguintes:

ARGUMENTISTAS — Benjamin Glazer e John S. Toldy, por «Arise My Love», da Paramount.

— Walter Reisch, por «Comrade X», da M. G. M.

— Dore Schary e Hugo Butler, por «Edison the Man» (M. G. M.).

— Bella Spewack, Samuel Spewack e Leo McCarey, por «My Favorite Wife» (Minha Mulher Favorita), da Rádio Filmes.

— Stuart N. Lake, por «The Westerners» (A Última Fronteira).

ADAPTAÇÕES CINEMATOGRAFICAS, independentemente de serem feitas a partir de material publicado ou de argumentos originais de outro autor ou autores:

— Nunally Johnson, por «The Grapes of Wrath».

— Dalton Trumbo, por «Kitty Foyle».

— Dudley Nichols, por «Tormenta a Bordo».

— Donald Ogden Stewart, por «The Philadelphia Story».

— Robert Sherwood e Joan Harrison, por «Rebecca».

PLANIFICAÇÕES ORIGINAIS:

— Ben Hecht, por «Angels over Broadway» (Columbia).

— John Huston, Heinz Herald e Norman Burnside, por «Dr Ehrlich's Magic Bullets» (Warner).

— Charles Bennett e Joan Harrison, por «Correspondente de Guerra».

— Charles Chaplin, por «The Great Dictator».

— Preston Sturges, por «The Great MacGinty» (Paramount).

AS MELHORES DECORAÇÕES

A preto e branco: «Arise My Love», «Arizona», «Boys from Syracuse», «Dark Command», «Foreign Correspondent», «Lillian Russell», «Minha Mulher Favorita», «Meu Filho e meu Rival», «Our Town», «Pride and Prejudice», «Rebecca», «The Sea Hawk», «The Westerners».

A cores: «Bitter Sweet», «Sinfonia dos Trópicos», «North West Mounted Police» (Os Sete Cavaleiros da Vitória) e «The Thief of Bagdad» (O Ladrão de Bagdad).

(Compusemos em itálico os fil-

mes que já vimos nos cinemas portugueses).

A MELHOR FOTOGRAFIA

A preto e branco: «Abe Lincoln in Illinois», «All This and Heaven Too», «Arise My Love», «Boonatown» (M. G. M.), «Foreign Correspondent», «The Letters», «The Long Voyage Home», «Rebecca», «Spring Parade» (Universal), «Waterloo Bridge» (M. G. M.).

A cores: «Bitter Sweet», «O Pássaro Azul», «Sinfonia dos Trópicos», «Os Sete Cavaleiros da Vitória», «A Passagem de Noroeste», «O Ladrão de Bagdad».

O MELHOR SOM

«Arizona», «Behind the News», «Captain Caution», «Grapes of Wrath», «Howards of Virginia», «Kitty Foyle», «North West Mounted Police», «Our Town», «The Sea Hawk», «Spring Parade» e «Strike up the Band» são os filmes candidatos ao prêmio para o melhor registo de som.

Tanto este como os restantes prêmios técnicos (Decorações, Fotografia, etc.) são conferidos por comissões de especialistas em que estão representadas tôdas as firmas que tomam parte no concurso, e votadas por todos os chefes da respectiva especialidade (chefes-operadores, directores artísticos, directores-de-som, etc.).

Na votação tomam parte, ao todo, 12.000 votantes, todos êles profissionais de Cinema empre-

gados em Hollywood. Só os filmes exibidos na área de Los Angeles em 1940 e que somam 496 podem ser votados. Os filmes são propostos pelas próprias firmas produtoras, que elas próprias eliminam os que não têm possibilidades. Mas os eleitores podem votar filmes, artistas ou técnicos não candidatos. O secretário da Academia, que preside ao banquete no Biltmore Hotel em cuja se proclamam os resultados, é o produtor e realizador Mervyn Le Roy.

OS COMPLEMENTOS

É muito longa para que a transcrevamos, a lista dos candidatos aos filmes curtos, habitualmente chamados «complementos». Um facto porém é interessante destacar: Walt Disney, o mago dos desenhos animados, não concorreu este ano com nenhum dos seus filmes, por não ter sido aceita a candidatura de «Fantasia», a sua última produção. A razão invocada foi não ter sido estreada na área de Los Angeles, devido ao facto de necessitar uma aparelhagem sonora especial, pois o som foi gravado numa «pista sonora» *tríplice*, ao passo que a pista sonora normal é simplesmente dupla. Disney afinou com a história e negou-se a apresentar qualquer candidato.

Dos desenhos animados sujeitos a concurso «Milky Way» (Leitaria, Celeste), que vimos no São Luiz, tem muitas probabilidades.

Talvez seja possível dar ainda neste número, em última hora, os primeiros resultados, recebidos telegráficamente da América.

A inauguração do novo laboratório da ULYSSEA-FILME



O presidente do Sindicato N. dos Profissionais de Cinema dá o impulso inaugural à máquina da Ulysssea-Filme, nas suas novas instalações. No próximo número daremos o relato dessa festa.

NOTÍCIAS DA EUROPA

A guerra actual, que na Europa tem lançado a perturbação no seio de variadíssimas actividades, que paraliza totalmente determinadas organizações industriais, não colheu ainda nas suas malhas o cinema, tendo-o, muito pelo contrário, utilizado quer como elemento de propaganda de valor insubstituível; já como fixador frio, sereno e desapassionado de acontecimentos que mercê dele, vão ficar como documentos de incalculável preço para a história tumultuosa do nosso tempo.

Em Denham e Pinewood, na Inglaterra, em Neubabelsberg e Tempelhof, na Alemanha, na Cinecittà, de Roma, nos estúdios de Barcelona e Madrid trabalha-se afanosamente na realização de novos filmes.

Só a França mercê principalmente, ia-mos a escrever exclusivamente, de falta de filmes negativo e positivo, que as fábricas se viram forçadas a deixar de fabricar, se montem forçadamente numa actividade e um marasmo que causa impressão. Todos os que admiravam filmes franceses, que ultimamente acusava, duma maneira geral, um notável nível de elevada qualidade, fazem votos para de novo, dos seus estúdios, saírem obras da categoria da «Grande Ilusão», de «Quai des Brumes» e «Fim do dia».

Nesta página vamos dar uma rápida vista de olhos pelo que se passa, neste momento, nos centros produtores da Europa.

Alemanha

ZARAH LEANDER

vai ser MARIA STUART num filme da UFA

Os alemães tiveram sempre especial predilecção pelos filmes históricos, reconstituição de ambientes e de figuras que a história marcou. Muito longa é já essa lista, desde «Anna Bolena» de Jannings e Hennie Porten a Joana d'Arc, passando por «Madame Dubarry», que celebrou outrora Pola Negri e Ernst Lubitsch e por «Danton».

Para até certo ponto reatar essa tradição, a UFA está agora produzindo «Das Herz des Königin» — «O Coração da Rainha» — e nele será reconstituído o período da história da Grã-Bretanha em que os Stuart sobraçaram a coroa de Inglaterra e da Escócia.

O prof. Carl Froelich, que ocupa hoje, tal como Emil Jannings, um dos mais importantes postos directivos do cinema alemão, o homem a quem se ficou devendo «Raparigas de Uniformes», dirigirá o filme, de que são intérpretes Zarah Leander — a notável actriz sueca que o cinema de além-Reno chamou a si incarnando a figura de Maria Stuart, e Willy Birgel.

Friedrich Benfer, cujo nome há muito não aparecia num filme, e Axel V. Ambesser são outros intérpretes desse novo filme da UFA.

INGLATERRA

LESLIE HOWARD apresenta uma nova vedeta no seu próximo filme

Leslie Howard, o notável actor inglês a quem «Animatógrafo» acaba de galardoar, atribuindo-

Alexander Korda mandou construir para a London Film, um novo filme.



Leslie Howard dá as últimas indicações a Mary Morris

-lhe a sua medalha para a melhor interpretação masculina, está agora dirigindo nos estúdios que

Há poucas semanas regressado de Hollywood, o intérprete e co-realizador de «Pigmaleão» iniciou já os trabalhos de realização do filme «Pimpernel Smith» de cujo argumento é autor e cuja acção decorre pouco tempo antes da guerra, focando as aventuras dum misterioso personagem que, à maneira do famoso «Pimpernel Escarlata», consegue libertar, determinados prisioneiros, de campos de concentração alemães.

Leslie Howard, que é o realizador e o produtor do filme, é também o seu principal intérpre-

te. É ele o misterioso Pimpernel Smith. Mas a grande revelação do filme, como em «Pigmaleão» o fôra Wendy Hillier, vai ser Mary Morris, que embora tivesse sido já a intérprete da versão inglesa de «Prisão sem Grades» e de ter aparecido em «Ladrão de Bagdad» e «Major Barbaras», de Bernard Shaw, passava quasi despercebida no cinema inglês.

Mary Morris, por quem os produtores americanos pouco ou nada se interessaram quando há pouco esteve em Hollywood, na altura em que ali se concluía «O Ladrão de Bagdad», e em quem Howard põe as suas mais completas esperanças, vive no filme a figura da filha dum jornalista polaco, prisioneiro num campo de concentração.

O filme oferece aspectos curiosos e, como se depreende do que deixamos dito, decorre num ambiente de actualidade que muito o valoriza. Como se trata duma nova obra do famoso intérprete o interesse que a rodeia é enorme. A fotografia que ilustra estas linhas foi tirada em pleno estúdio, durante a árdua tarefa da elaboração do filme. Leslie dirige. E, basta vê-lo naquele instantâneo para verificarmos que a diferença entre o Leslie Howard real e o Leslie Howard que vemos no «écran» é absolutamente nula.

ESPAÑA

Jean Choux e Gelza von Bolvary vão trabalhar em Espanha

A produção espanhola está tomando um incremento enorme, atingindo já um número perfeitamente invejável os filmes produzidos anualmente.

Aos técnicos espanhóis tem vindo juntar-se alguns elementos estrangeiros de valor, sobretudo no que diz respeito a operadores e a realizadores. Operadores franceses como Barreyre, que já trabalhou em Portugal, e alemães como Ted Pahl colaboram na produção espanhola.

Agora uma firma importante, a Hespania Filmes de Madrid, contratou dois realizadores estrangeiros para dirigir dois filmes de importância. Um dos filmes é a adopção cinematográfica duma opereta de Franz Suppé, «A Bela Galathéa», que o realizador francês Jean Choux dirigirá. O outro encenador é nada mais nada menos que Gelza von Bohary, consagrado director alemão, verdadeiro especialista de opereta cinematográfica, que vai dirigir «Tu me has hecho feliz», no estilo dos seus outros filmes realizados na Alemanha.

COISAS INDISCRETAS

O divórcio de DANIELLE DARRIEUX e a sua partida para a América

Já acima dissemos que a actividade cinematográfica francesa

ram de soar aos ouvidos dos cinéfilos seus admiradores. Nada d'êles se tem sabido.

Por isso, foi com certa curiosidade que se recebeu a notícia da acção de divórcio que Daniëlle Darrieux tentou contra seu marido, o realizador Henry Décoïn.

Quem souber o papel que Henry Décoïn tem desempenhado na carreira de Daniëlle — a êle deve, mercê das suas relações no jornalismo, grande parte da sua notoriedade e de publicidade feita em volta do seu nome; era êle também o seu conselheiro em assuntos cinematográficos e um zelador excepcional dos seus interesses artísticos — ainda mais estranha deve parecer tal resolução da intérprete adorável de «Regresso ao Lar» e «Porque Bate o Coração», dois magníficos filmes que Décoïn dirigiu.

Daniëlle Darrieux deve dentro de dias passar por Lisboa, a caminho da América, onde a espera um contrato com a RKO-Radio Filmes.



DANIELLE DARRIEUX está completamente paralizada. Os nomes dos seus artistas deixa-

NOTÍCIAS DE HOLLYWOOD

O novo filme de ROBERT TAYLOR para a M-G-M PASSA-SE EM LISBOA!

Portugal, ou melhor, Lisboa, parece que vai estar na ordem do dia do cinema americano. As circunstâncias especiais da hora presente, fizeram da nossa capital o ponto de passagem imprescindível de personagens famosos em todos os campos da actividade humana, nas suas visitas ao Velho Continente. E ao mesmo tempo chamaram sobre Lisboa as atenções gerais dos produtores de Hollywood, que parece terem encontrado nela um quadro novo e inédito para os seus filmes. Casas produtoras têm procurado documentação sobre o nosso país, tendo sido já enviados para a Califórnia elementos de real interesse.



Demonstrando à evidência o interesse pelas nossas coisas está o facto de há poucos dias um organismo oficial ter recebido um pedido dum dos mais importantes guarda-roupas de Hollywood — o Western Costume — habitual fornecedor dos estúdios, para que lhe fosse fornecido desenvolvida documentação sobre determinadas indumentárias de organizações e entidades portuguesas, que poderiam vir a ser necessárias em futuras produções.

Concretizando esse interesse do Cinema americano por Portugal está o filme da Paramount «Uma Noite em Lisboa», neste momento em vias de conclusão nos estúdios de Marathon Street, de cuja realização os nossos leitores têm sido, por mais duma vez postos ao corrente.

E agora uma notícia nova nos chega de um outro filme a que Lisboa vai servir de importante quadro de acção.

Desta vez é a Metro Goldwyn Mayer que resolveu dar a Lisboa a honra do título dum filme de importância — «Episode in Lisbon» segundo um argumento original de Everett Freeman, e de cuja produção será responsável Edgar Selwin.

«Episode in Lisbon» vai ser interpretado por Robert Taylor e pela nova vedeta Laraine Day, que a Metro considera uma das

ma Shearer criou na primeira versão, feita logo no início do sonoro.

É possível que a importância que está sendo dada por aquela empresa a «Episode in Lisbon», obrigue à vinda a Lisboa de Robert Taylor, que interpretaria aqui algumas das principais cenas do filme. Contudo, pelo que respeita a este último capítulo nada de concreto se sabe, esperando-se que Taylor termine o seu «Billy the Kid», para então o assunto ser resolvido em definitivo.

Correspondendo a essa aceitação invulgar que tais filmes gozam, a maioria das companhias produtoras têm este ano projectadas nada menos que trinta e uma série de filmes desse género.

Assim a Metro Goldwyn, além da Família Hardy, tem ainda a série das «Maisies» com Ann Sothern, a «loira-explosiva»; os «Dr. Kildares», com Lew Ayres; a série de «Nick Carter» encarnado na tela por Walter Pidgeon, e agora uma nova família cujo primeiro filme foi Keeping Company.

Por sua vez a Fox tem os «Charlie Chan», os «Cisco Kids», de que César Romero é o protagonista, e o novo detetive Michael Shayne, além da «Família Jones».

A RKO-Radio tem a série de comédias de Leon Erroll e Lupe Velez, interpretando um casal mexicano, o «Santo», que George Sanders popularizou, a série do «Dr. Christian» vivido por Jean Hersholt e os «westerns» de Tim Holt.

A mais importante série da Paramount é a do cowboy «Hopalong Cassidy» que William Boyd interpreta e de que estão feitos já trinta e seis filmes, seguindo-se a «Família Aldrich».

O «Lobo Solitário» e o detetive Ellery Queen são os dois titulares de duas séries muito apreciadas, da Columbia, que produz ainda os «Borton Blackies» e a famosa «Família Blondies». A Universal tem a série de filmes de aventuras de que Richard Arlen e Andy Devine são os protagonistas.

No activo da Warner Bros. con-

tam-se a Família Lemp das «Quatro Filhas», e os «Brother Rat», de que Eddie Albert é a vedeta.

A «Família Higgins» pertencente à Republic, que tem ainda os filmes de Mr. District Attorney» e os «Three Mesquiteers»; a Monogram com «The Range Busters», os «East Side Kids» e o detective chinês interpretado por Kaye Luke, que foi já o filho de Charlie Chan, são algumas séries mais de tipos cinematográficos.

● **BLONDIE GOES LATIN**, com Penny Singleton, Arthur Lake, Larry Simms, Danny Mummert, Tito Guizar e Ruth Terry. Realização de Frank R. Strayer. Fotografia de Henry Freulich. Columbia. (Aliança Filmes).

● **I WANTED WINGS**, com Brian Donlevy, Ray Milland, William Holden, Wayne Morris, Constance Moore, Veronica Lake, Harry Davenport, Herbert Rawlinson, Hedda Hopper, Alan Hale Jr. e Hobart Cavanaugh. Dirigido por Mitchell Leisen. Fotografia de Leo Tower. Paramount.

● **TOBACCO ROAD**, com Gene Tierney, Charley Grapewin, Marjorie Rambeau, William Tracy, Elizabeth Paterson, Slim Summerville, Ward Bond, Grant Mitchell e Ziffie Tibury. Realizada por John Ford. Fotografia de Arthur Miller. Fox.

● **RAGE IN HEAVEN**, com Robert Montgomery, Ingrid Bergman, George Sanders e Lucile Watson. Direcção de Robert Sinclair. Fotografia de George Folsey. Metro Goldwyn Mayer.

As SÉRIES estão na ordem do dia por decisão dos americanos

o público americano, especialmente os frequentadores dos cinemas da provincia, classicamente situados no Midle West, tem uma predileção especial pelos filmes que fazem parte de séries que se tornaram famosas; a familia Hardy, os Charlie Chan, a familia Blondie, etc.

Assim a Metro Goldwyn, além da Família Hardy, tem ainda a série das «Maisies» com Ann Sothern, a «loira-explosiva»; os «Dr. Kildares», com Lew Ayres; a série de «Nick Carter» encarnado na tela por Walter Pidgeon, e agora uma nova familia cujo primeiro filme foi Keeping Company.

Por sua vez a Fox tem os «Charlie Chan», os «Cisco Kids», de que César Romero é o protagonista, e o novo detetive Michael Shayne, além da «Família Jones».

A RKO-Radio tem a série de comédias de Leon Erroll e Lupe Velez, interpretando um casal mexicano, o «Santo», que George Sanders popularizou, a série do «Dr. Christian» vivido por Jean Hersholt e os «westerns» de Tim Holt.

A mais importante série da Paramount é a do cowboy «Hopalong Cassidy» que William Boyd interpreta e de que estão feitos já trinta e seis filmes, seguindo-se a «Família Aldrich».

O «Lobo Solitário» e o detetive Ellery Queen são os dois titulares de duas séries muito apreciadas, da Columbia, que produz ainda os «Borton Blackies» e a famosa «Família Blondies». A Universal tem a série de filmes de aventuras de que Richard Arlen e Andy Devine são os protagonistas.

No activo da Warner Bros. con-

tam-se a Família Lemp das «Quatro Filhas», e os «Brother Rat», de que Eddie Albert é a vedeta.

A «Família Higgins» pertencente à Republic, que tem ainda os filmes de Mr. District Attorney» e os «Three Mesquiteers»; a Monogram com «The Range Busters», os «East Side Kids» e o detective chinês interpretado por Kaye Luke, que foi já o filho de Charlie Chan, são algumas séries mais de tipos cinematográficos.

● **BLONDIE GOES LATIN**, com Penny Singleton, Arthur Lake, Larry Simms, Danny Mummert, Tito Guizar e Ruth Terry. Realização de Frank R. Strayer. Fotografia de Henry Freulich. Columbia. (Aliança Filmes).

● **I WANTED WINGS**, com Brian Donlevy, Ray Milland, William Holden, Wayne Morris, Constance Moore, Veronica Lake, Harry Davenport, Herbert Rawlinson, Hedda Hopper, Alan Hale Jr. e Hobart Cavanaugh. Dirigido por Mitchell Leisen. Fotografia de Leo Tower. Paramount.

● **TOBACCO ROAD**, com Gene Tierney, Charley Grapewin, Marjorie Rambeau, William Tracy, Elizabeth Paterson, Slim Summerville, Ward Bond, Grant Mitchell e Ziffie Tibury. Realizada por John Ford. Fotografia de Arthur Miller. Fox.

● **RAGE IN HEAVEN**, com Robert Montgomery, Ingrid Bergman, George Sanders e Lucile Watson. Direcção de Robert Sinclair. Fotografia de George Folsey. Metro Goldwyn Mayer.



Laraine Day

suas mais prometedoras artistas e a quem acaba de confiar um papel da maior importância em «O Julgamento de Mary Dugan», precisamente a figura que Nor-

GINGER VAI TRABALHAR NUMA COMÉDIA DE KANIN

Ginger Rogers, que acaba de alcançar um êxito clamoroso, festejado por todos os jornais e em todos os tons, com a sua espantosa criação em «Kitty Foyle», em quem alguns querem ver atribuída a estatuetta da Academia para a interpretação feminina deste ano, vai ser a protagonista dum novo filme.

Ao contrário de «Kitty, a rapariga do colarinho branco» — é este o título daquele filme em português — em que a par de cenas de grande leveza e comicidade, há outras de grande den-

sidade dramática, o novo filme, que se intitula «Tom, Dick and Harry», é uma comédia, com muita música e muitos bailados, no estilo daqueles que a celebrizaram ao lado de Fred Astaire. Garson Kanin é quem dirigirá.

Naquele filme da RKO-Radio, aparecerão George Murphy, o notável dansarino que vimos esta época, já, em «Idílio Musical», Burgess Meredith, um grande actor, e o correcto Alan Marshal. Ginger Rogers e George Murphy dansarão cinco bailados, criados por este último.

A PÁGINA DOS NOVOS

APRECIEM O BOM CINEMA!

Actualmente, o que as raparigas vêem no Cinema são apenas os «meninos bonitos» e não os bons actores.

Infelizmente, isto é verdade e é pena!

Um Robert Taylor ou um Richard Green são muitíssimo mais apreciados que um Paul Muni ou um Spencer Tracy. E porquê? Porque são... feios. É isto uma razão?

Há até, caso raro, actores interessantes e com talento, como Charles Boyer.

No entanto, se fôssemos falar, a uma rapariga, deste excelente actor a sua resposta seria: «Ah! Eu também gosto muito dele, pois tem... uns olhos lindos!»

Isto é para desesperar. Estas raparigas, que pensam ser cinéfilas na verdadeira acepção da palavra, não o são.

O que se dá com as raparigas, acontece também com os rapazes. Qual é aquele que aprecia o su-

perior talento de Bette Davis?

Para eles, um filme em que apareça o corpo quasi despido de Dorothy Lamour, cujo talento está na razão inversa da beleza, vale mais que um de Greta Garbo.

Por isto, não entendam que só gosto de filmes dramáticos. Mas não é só nestes que há talentos.

Alice Faye, por exemplo, no seu género, é uma boa artista. Como ela, há muitas e muitos.

Sei perfeitamente que esta opinião vai acirrar contra mim os ânimos de bastantes rapazes e raparigas. Mas consola-me a certeza de que muitíssimos me darão razão, e esses são os verdadeiros cinéfilos.

Além destes defeitos da nossa juventude para com o bom cinema, ainda há muitos outros. Falamos por exemplo destes: A maior parte das pessoas, não todas felizmente, vai ao cinema como passatempo ou distracção.

É freqüente ouvirmos dizer:

«Hoje, não tenho onde passar o tempo. Já sei, vou ao cinema».

E lá vão, não tendo em mira os problemas de tese interessantíssimos que por vezes se debatem no cinema, nem ainda a cultura geral que dêle poderemos extrair.

Ainda há bem pouco tempo, veio às nossas telas um filme admirável, esplendidamente interpretado, e que, infelizmente, não teve das nossas plateias o acolhimento que era de esperar.

Refiro-me ao «Monte dos Vendavais».

Muitos alegraram-se inverosímil, outros que Laurence Olivier era exagerado na sua interpretação de Heathcliff e muitas outras razões que mostram bem quão raríssimas foram as pessoas que compreenderam a valer.

Não sejamos injustos e dêmos o seu justo valor a um filme tão admirável como invulgar e que bem merece a nossa simpatia.

Para que acabem todos estes erros é preciso que nós, cinéfilos, sejamos dignos deste nome, isto é, que apreciemos o bom cinema.

MARIA HELENA

A curiosa história dum cinéfilo exemplar

De todos os cinéfilos que conheço, o mais entusiasta, o mais doido (aliás com juízo) pelo Cinema, é o Vitor.

O Vitor, um nome que não interessa aos leitores desta página, é o cinéfilo mais corajoso e exemplar de todos os elementos que compõem o «bloco» dos meus camaradas das digressões cinéfilas.

Considero-o até o caso mais extraordinário e típico de «cinéfilismo» que conheço.

Ele é o próprio a confessar que conhece as suas extravagâncias, mas não olvida os belos momentos de alegria espiritual que o Cinema lhe tem proporcionado.

Confessa também que a sua carreira de cinéfilo está assegurada porque a Sétima Arte o dominou e venceu totalmente, assim como a lâmpada eléctrica venceu a candeia, o tractor a charrua, o automóvel e o avião o cavalo, etc.

Embora reconheça nelle todas as suas extravagâncias que eu, cinéfilo dos quatro costados, não posso censurar, não tenho a menor dúvida em afirmar que tem todo o direito ao mesmo título, não só por se tratar dum freqüentador muito assíduo das salas obscuras, mas também pelo entusiasmo com que defende o Cinema e a maneira apaixonada como fala dos ídolos do «pano branco».

Num dos grandes inquéritos do «Animatógrafo», o ilustre professor Vitorino Nemésio é de opinião que, para se ter o direito ao título de cinéfilo, é preciso estar pelo menos duas horas por noite, às escuras e ter em dia os signos e constelações de Hollywood.

Ora, o meu herói, somente perde uma sessão de Cinema por motivo de saúde ou então por fatalidade financeira — o que, aliás,

é raro suceder — pois o grande cinéfilo tem a felicidade de possuir um tio rico, proeza que é o orgulho da sua carreira cinéfila.

Acerca dos signos e constelações, creio que não há cinéfilo que lhe leve a palma. Ele está sempre em dia com o que decorre na Cinelândia.

Possue — afirma o grande herói — uma das melhores colecções de «fotos» devidamente autografadas, dos mais categorizados artistas do Cine e é capaz de responder à mais complicada pergunta que lhe façam sobre a «matéria».

Quando os jornais anunciam a chegada duma «estrêla», o grande herói enverga o seu melhor fato mais ou menos estilo «Galã» e lá vai deabalada ao encontro dos seus ídolos.

Há dias, contou com certa má-gua, a desilusão sofrida naquela tarde, passada em Cabo Ruivo, à espera de Paulette Goddard e de Charles Chaplin.

Teve que regressar sob o péso dum sonho desfeito e recordou o aforismo de Le Bon:

«Muitos homens há que passam facilmente sem verdades, nenhum deles é bastante forte para passar sem ilusões».

Quando Ann Dvorak chegou a Lisboa, o nosso cinéfilo não hesitou um momento e apresentou-se no Avenida Palace, conseguindo o que muitos e muitos cinéfilos devem invejar: uma «foto» autografada da interessante e gentil vedeta de «Scarface».

O «bloco» ainda chegou a duvidar do êxito do nosso herói, mas não teve remédio senão render-se à evidência dos factos, continuando a ver em Vitor um cinéfilo exemplar e cheio de coragem.

E a verdadeira coragem, como disse Condillac, é uma confiança esclarecida que não há nada que a perturbe».

ANOTADOR DE IMÁGENS

CORREIO DOS NOVOS

C. F. DOURADO — Não imagine que o que falta aos nossos realizadores é boa vontade para fazer documentários: o que lhes falta é dinheiro. O documentário, embora se julgue o contrário, é um dos géneros mais caros, por ser o menos remunerador. Só as grandes companhias se podem permitir esse luxo. Entre nós é que se imagina o contrário, como se refere em tudo o que se refere a cinematografia. O seu artigo é pois injusto, e não será publicado. A propósito: não

se escreve sob um assunto, mas sobre um assunto.

MARIA GIL — O seu argumento é bem imaginado, mas não despertaria grande interesse, nem seria nunca autorizada, por boir com uma respeitabilíssima instituição. O seu artigo «Hábitos que prejudicam» tem espírito e é útil. Será publicado.

PATO DONALD — És um rapaz tão simpático que te dou a honra de te tratar por tu. Ainda bem que gostaste do filme, e que achaste os artis-

ACARINHEMOS o cinema português

O cinema português está descreditado entre os portugueses. E digo «entre portugueses» porque ninguém pode negar que as produções lusitanas alcançam relativo êxito e agrado nas telas estrangeiras onde são projectadas. A Imprensa e a crítica, especialmente no Brasil, Espanha e Estados Unidos, acolhem com palmas filmes que em

tao todas as... Não procuremos, como muitos fazem, achar semelhanças no nosso cinema com qualquer outro. Ai do cinema que não tem estilo e ambiente próprio! Não comparemos uma comédia de Leitão de Barros com uma outra de Lubitsch! Não exijamos a um Oscar de Lemos que, dá às suas cenas o realismo dum Jean Gabin! E então, o cinema português terá atractivos. O resto virá com o tempo. O nosso cinema tende a aperfeiçoar-se, a criar uma escola, diferente de todas as outras.

É dever de todos os portugueses acarinhá-lo, propagá-lo, dar-lhe todo o seu apoio e incentivo!

ARMINDO BLANCO

tas simpáticos, principalmente quando lhes pediste os autógrafos. Só te enganaste quanto ao A. L. R., que esse não é simpatia nenhuma... Desiste de visitar as nossas «instalações». Precisavas de dispor de uma semana inteira e de um cicerone. Não há como ter ilusões, meu Donald!

CONDE MISTERIOSO — O seu artigo sobre Maria da Graça não tem qualquer valor, porque o meu amigo nunca a viu e fala dela como se a tivesse visto. Quando a vir, redobrará de entusiasmo — e então apareça. Mas, pelas alminhas, mude de pseudónimo!

SEPULVEDA — O seu novo artigo está bem escrito, mas tem pouco interesse. E não conte com o parêntesis (Ex-Sepulveda). Escolha: ou o nome ou o pseudónimo.

RETARDADOR

A FEIRA DAS FITAS

“OS MARX NO FAR-WEST”

(«Go West»)

Para além da farça, ultrapassando freqüentemente os limites da lógica para criar uma super-lógica dos acontecimentos, os irmãos Marx criaram um estilo especial de acção e de representação. Em fitas sucessivas vimo-los explorarem o «non-sense» sempre com aquela marca de optimista loucura que os transformou em personagens familiares e com uma dinâmica e comunicativa alegria. E pelas fitas que interpretaram, uma vez que criaram um estilo dinâmico e são actores dinâmicos, vimos muitos bocados de bom Cinema, de alegre e comunicativo Cinema que poderá não agradar aos «senhores muito sérios» que acham que «aquilo é um disparate» mas tem feito a delícia de muita gente sobretudo daquela que entende que a fantasia não fica mal a ninguém.

Desde «Uma Noite na Ópera» que os irmãos Marx não nos apareciam numa fita da categoria desta que ora vimos. De ponta a ponta, todas as seqüências estão recheadas de interesse, umas pela graça do diálogo onde o ditto-disparate serve quase sempre intenções de sátira como a seqüência do embarque, outras pela acção em que se largam à solta todas as situações e conseqüências misturadas, em arranços que à força de se precipitarem chegam a ser ofegantes, estou-me a lembrar do que se passa dentro da diligência e das peripécias da acidentada viagem de combóio que fecha o filme).

Impossível ou, melhor, desnecessário dizer da qualidade da interpretação dos três irmãos. Tenho para mim que os vejo sempre representar bem e seria difícil dizer mal porque não há pontos de referência que permitam uma comparação (avaliação, portanto) do seu estilo clownesco tão singular. Groucho, Chico e Harpo vão sempre bem, tenho-os visto ir sempre bem. Sômente variam as qualidades das fitas que interpretam que em «Go West» são excepcionalmente valiosas, honrando os nomes de Irving Breecher, argumentista, e de Edward Buzzell, realizador.

Todos os restantes interpretes secundam com valor a representação dos três cómicos. Há porém dois nomes, duas mulheres que queremos salientar na nossa apreciação: Dianna Lewis e June Mac Cloy. Uma e outra têm episódicas aparições mas são inesquecíveis. A primeira (que é mulher de William Powell) revela-se boa actriz, sóbria e com um encanto feminino que fatalmente lhe vem de alguma coisa mais que a admirável figura e o lindo palminho de cara que tem. A segunda, cuja semelhança com Alice Faye é, por vezes, flagrante, é uma cantora, uma cançonetista com personalidade e alma para fazer sentir a taberna do oeste.

Parabéns às legendas portuguesas que cumprem airoosamente

QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, filmes que se enumeram por ordem alfabética, os críticos de «ANIMATÓGRAFO» chamam a atenção do público para o que neles merece atenção especial.

OS MARX NO FAR-WEST (Metro)

- A actuação de GROUCHO, CHICO e HARPO MARX.
- A sedução angélica de DIANA LEWIS e a sedução canalha de JUNE MAC CLOY.
- O argumento de BREECHER e a realização de E. BUZZELL.

O HÉRCULES MODERNO (Columbia — Lisboa-Filmes)

- A interpretação de JOE E. BROWN tão simples, tão correcta e patenteando tantos recursos.

«NÃO, NÃO, NANETTE» (Rádio-Filmes)

- O talento, a graça e a vivacidade de ANNA NEAGLE.
- A fotografia de RUSSELL METTY.
- O aproveitamento da canção «Tea for two», de VINCENT YOUMANS.

«A CIDADE TURBULENTA» (Filmes Alcântara)

- A interpretação no seu conjunto e, em especial, o desempenho de MARLENE DIETRICH e JAMES STEWART.
- A realização de GEORGE MARSHALL, pelo carácter e vigor dados a todas as cenas culminantes.
- O argumento e a planificação de FELIX JACKSON, HENRY MYERS e GERTRUDE PURCELL.
- As filmagens e a fotografia de HALL MOHR.
- A montagem de MILTON CARRUTH.

«PRÓLOGO DE UMA GUERRA» (Aliança Filmes)

- As cenas do baile, os trechos de documentário intercalados no filme, o diálogo entre a condessa e a duquesa quando do seu primeiro encontro e o discurso do arquiduke em Serajevo.

«BALALAIKA» (M. G. M.)

- A revelação de HONA MASSEY e a «presença lírica» de NELSON EDDY.
- As cenas de cabarés, os episódios que precedem a revolução e a seqüência da Noite de Natal entre os refugiados.

te a ingrata missão de «traduzir» um diálogo quasi todo feito de «slang», de trocadilhos e das alusões mais distantes. — F. G.

“HÉRCULES MODERNOS”

(«The Gladiator»)

É proverbial a pureza de todas as farças de Joe E. Brown, feitas com a intenção de agradar embora a todos os graus mas não ofender nunca os meúdos. Mais uma vez estas normas se verificam na fita do grande cómico americano bom actor, de personalidade riquíssima capaz, a pesar de todos os espinhos que lhe criam a sua figura e os seus papeis, de fazer passar o espectador do riso mais franco para a comoção mais sentida com admirável e talentosa simplicidade de processos que têm alguma coisa de clássico.

O argumento desta fita baseado numa ideia com engraçada originalidade é apenas pretexto para lançar Brown nas suas tribulações e mostrar não só quanto é grande actor como também quanto vale como acrobata. Há nela momentos colossais mas são

principalmente dignos de especial referência a primeira sessão de treino, o combate de luta final e os «gags» que apresentam as conseqüências da muita força de Brown a determinada altura da fita. Um conjunto técnico-cinematográfico muito satisfatório. — F. G.

“NÃO, NÃO, NANETTE”

(No. no. Nanette)

A esplêndida recordação que ainda temos de «Irene» (o que, aliás, não é difícil de certo contribuiu para a desilusão que «Não, não, Nanette» nos causou. Esperávamos encontrar neste as mesmas qualidades, pelo menos, que tanto nos haviam agradado no outro filme de Anna Neagle e do seu marido Herbert Wilcox. Mas, se verificamos de novo o mesmo apuro em certos naipes da encenação e as mesmas qualidades na protagonista, tivemos a surpresa de ver que a adaptação da opereta célebre de Mandel, Harbach, Youmans e Nytray deixara muito a desejar, por ter sido bastante mal trabalhado o argumento, e principalmente porque a sua planificação foi

manifestamente infeliz — simplista, cheia de «ingenuidades», titubeante. Também em Hollywood é possível por vezes que um trabalho destes saia falhado. Sirva-nos isso de consolação... Na direcção dos actores, Wilcox não atingiu a costurada craveira, especialmente nas cenas cómicas. Não soube libertar-se, por um lado, do carácter teatral de certas situações por outro, misturou a farsa e a comédia, como nas operetas teatrais. O resultado foi um excessivo artificialismo, que não conquista o espectador porque são quasi sempre a falso.

A linda música de Vincent Youmans foi também pouco valorizada, embora se faça notar mais uma vez a direcção musical de Anthony Collins. A canção famosa «Tea for two» teve no entanto bom aproveitamento.

Excelentes os cenários de Darrell Silvera, como excelente é o bailado que Anna Neagle dança, acompanhada por um grupo de «girls»; excelente como bailado e como composição cinematográfica. Pena é que não tivessem procurado «encaixá-lo» melhor na acção.

Quanto à fotografia, do operador Russel Metty, não há quaisquer restrições a fazer. Do princípio ao fim distingue-se pela sua qualidade e unidade.

O filme é interpretado por um óptimo grupo de artistas: Richard Carlson (Tom), Victor Mature (o empresário), o magnífico Roland Young, Helen Broderick (a senhora Smith), Zazu Pitts, Eve Arden (Kitty), o gordo Billy Gilbert — e Anna Neagle. Apenas esta consegue distinguir-se e brilhar, cantando, dançando e representando com o talento, a graça e a vivacidade que lhe são peculiares.

É nosso dever acrescentar que as legendas contribuem para a impressão pouco lisongeira produzida pelo filme. Pouco lisongeira — entenda-se — especialmente em relação a «Irene», isto é aquilo que Wilcox e a sua equipa são capazes de fazer — D. M.

“A CIDADE TURBULENTA”

(Destry rides again)

Poucas dezenas de metros de «Destry rides again» tinham sido projectados no quadro branco e já nós experimentávamos, com intensidade raras vezes verificada na nossa já longa carreira de cinéfilo assíduo, a sensação nítida de ver Cinema — Cinema autêntico, vivinho da costa e a saltar, Cinema sem mistura, do bom e do bonito. E essa impressão não só se manteve, mas até se acentuou durante o resto da exibição. «A Cidade Turbulenta» fica na história da cinematografia como um dos mais puros espécimes da arte e do espectáculo das imagens sonoras e animadas. Eis uma afirmação que fazemos com absoluta tranquilidade e em plena consciência — até em plena consciência da indignação que de certo causaria em certos espectadores.

(Continua na pág. 18)

CINEMA DE AMADORES

ADA - FILMES, uma interessante agremiação portuense

Infelizmente, parte dos amadores portugueses desconhecem a existência da agremiação portuense ADA filmes. É isto sucede pela falta de contacto que se verifica entre os nossos amadores, o que é para lamentar.

Por considerarmos interessante para os leitores de «Animatógrafo» e útil aos amadores, entendemos dar a conhecer, uma agremiação que nos merece a maior consideração por acima de todas as suas qualidades nos patentear um grande amor pelo Cinema e revelar uma forte persistência o que é invulgar no tempo actual.

Presentemente a mocidade encontra-se completamente transformada. Só lhe interessa o desporto — admirável para o desenvolvimento físico —, a distração — por intermédio do espectáculo cinematográfico e dos bailes — e os estudos, porque a isso muitos são obrigados. O interesse por uma preparação, já não digo intelectual — pois para mal deles muitos se supõem intelectuais, só por conhecerem meia dúzia de coisas e escreverem outra meia dúzia e isto por não poderem ir mais além — mas para a vida, para o conhecimento de inúmeros pormenores que só anos de existência conseguem revelar; esse interesse não existe em quasi toda a mocidade actual.

É portanto compreensível o nosso entusiasmo ao encontrarmos uns rapazes que já têm preocupações, que já procuram, apesar da sua pouca idade, resolver problemas, por vezes graves, dentro do seu círculo de vida. E, para se preocuparem ainda mais, formam uma sociedade que pode considerar-se verdadeiramente organizada. Assim, pouco a pouco, vão-se preparando para a vida. Os estudos dão-lhes a necessária preparação do espírito, e a sua preocupação clubista prepara-os para conhecer alguns dos variadíssimos aspectos da vida. Deve pois admirar-se os dirigentes e associados da ADA filmes que com tanta vontade se preparam para enfrentar os inúmeros problemas da vida.

O que é e o que tem feito

Organizada em 1 de Julho de 1938 a ADA filmes tem portanto trinta e dois meses de existência o que é invulgar entre as suas congéneres.

Fundada por Ângelo Pinto, Augusto Romariz e António Lopes Fernandes possui presentemente bastantes sócios que pagam uma cota mensal de três escudos. Utilizam o formato 9,5 m/m e têm um equipamento completo *Pailard Bolex* e outro *Pathé Baby*.

Produziram já três filmes: *Awak* em 1938, *Casamento de Encomenda*, realizado e fotografado por Augusto Romariz tendo como intérpretes Alberto Silva, Lopes Fernandes, Jorge de Almeida, Eurico Santos e Veludo Gouveia em 1939. *O Rapaz de Miramar*, fotografia e direcção de Augusto Romariz, interpretado por Zézita Valente, Ilda Dias, António Pacheco, Virgínia Etíel, Orlando Amanajás, Celso Viana, e outros. Além de intérpretes Lopes Fernandes e Veludo Gouveia foram os assistentes do realizador.

Em fins de 1940 iniciaram-se as filmagens dum novo filme, *Química* de que era realizador Veludo Gouveia. Por divergências que surgiram suspendeu-se a filmagem.

Em Janeiro d'este ano iniciou-se a preparação de *Suicida* de Lopes Fernandes cujas filmagens já começaram.

Dois publicações

Não se poupando a trabalhos e sacrifícios, os dirigentes da ADA editam uma revista e um jornal.

A revista CINEADA, iniciou a sua publicação em 1 de Novembro de 1938. Ao contrário do que possa supôr-se esta revista não é impressa e apresenta-se com um aspecto «gráfico» deveras interessante. Os seus artigos deviam ser lidos pelos amadores portugueses, pois se extraem deles conceitos em que se deve meditar.

A outra publicação é O JORNAL DA ADA, e no seu primeiro número insere um artigo, que se não fôra ser destinado exclusivamente aos sócios da ADA muito gostaríamos de transcrever.

Esperamos poder expô-las brevemente numa das montras dum estabelecimento da especialidade, para que os amadores de Lisboa possam admirar o espírito de trabalho, a paciência e o amor pelo Cinema dos sócios da ADA filmes.

Orientação

Do n.º 4 da CINEADA transcrevemos parte dum artigo do sr. Domingos Romariz Peres, primeiro presidente da ADA filmes:

Seria até conveniente que a mocidade olhasse para o exemplo que lhes dá a rapaziada da ADA, que, entende não ser só prazer o dar pontapés em qualquer boia de trapos, tuberculizando-se durante um dia inteiro; e escolhendo antes um divertimento que lhes é bem mais útil.

Eu sou apologeta de que qualquer rapaz faça sport, mas sim, quando pratica, com método, as diferentes modalidades, juntando-as à cultura do seu espírito e inteligência, moralizando a sua vida e deixando mesmo que os companheiros lhe tirem algu-

Lopes Fernandes e Augusto Romariz, principais dirigentes da ADA Filmes



mas arestas que porventura possam ter.

É o que tenho visto na ADA filmes, a que tive a honra de algum tempo presidir, e a quem não deixo de salientar a fraca escolha.

Não são favores as palavras referidas e se quereis exemplos vidé os seus filmes, tão cheios de simplicidade, e que foram realizados com os resultados da camaradagem de que vos falo.

Estas palavras não necessitam de comentários, valem por si só.

Mais além...

Quando dum viagem que fizemos à capital do Norte, tive-mos ensejo de visitar as instalações da ADA filmes, e cavaquear um pouco com Augusto Romariz, Lopes Fernandes e alguns associados.

Das impressões então recebidas damos conta agora.

As sociedades e clubes de amadores organizadas no nosso país, falharam quasi todas como resultado das constantes divergências entre sócios, devidas a uma má organização e falta de interesse pelo seu engrandecimento.

A ADA, apesar de nem sempre existir a harmonia que seria para desejar, possui alguns sócios que a amam deveras e se interessam por tudo o que lhe diz respeito. A eles, pois, se deve a perfeita organização, e mais do que isso: a existência da única agremiação portuguesa de amadores, digna de por ela se fazer alguma coisa. Acima de todos, e disso são merecedores, pelo esforço que têm dispendido e dinheiro que têm gasto, devem-se colocar Augusto Romariz e António Lopes Fernandes.

Jovens, têm, porém, a consciência das responsabilidades que os rodeia e tomam tanto a sério os seus trabalhos que, posso garantir-lhe por vezes se supõem mais velhos e que em vez de amadores são profissionais. Isto nada tem de desprimoroso, pelo contrário, revela da nossa parte admiração pelos seus trabalhos.

Oxalá os seus consócios compreendam o valor deles e secundem com o mesmo entusiasmo, de que eles se encontram possuídos, os trabalhos a que metem ombros.

Mas, é preciso mais. É necessário que a ADA seja mais do que é.

Hontem pouco havia. Hoje há uma sede, três filmes apresentados, um em execução, outro preparado. Amanhã, mais, muito mais.

E para diante; que vontade vimos nós.

Novo rumo

Há sempre um *mas* em quasi todos os aspectos da vida.

A ADA, sendo também um aspecto da vida, tem o seu *mas* que os seus dirigentes procuram remediar; a sua orientação como amadores de Cinema.

Por um erro, de que não são culpados, pois se deve a uma incompreensão inicial do amorismo cinematográfico no nosso país, os amadores da ADA têm feito as suas obras segundo os moldes profissionais.

(É conhecida a nossa opinião sobre o assunto, portanto desnecessário será afirmá-la mais uma vez).

Porém depois de observar os efeitos dos seus filmes resolveram enveredar pelo caminho certo. E assim vão colaborar com Eduardo Zarco, amador lisboeta, na realização do documentário cultural *«Cidade em flor»*, de que já demos noticia na secção de *Actividade*.

E vão mais longe:

Propõe-se Augusto Romariz iniciar em breve a realização do filme *Nocturno* de que daremos noticia mais desenvolvida logo que tenhamos elementos para tal.

Desnecessário será dizer que os sócios da ADA se interessam bastante por esta nova orientação tendente a dignificar a cinematografia de amadores no nosso país.

Homenagem

O que se leu é para nós mais do que um simples artigo: é uma homenagem a quem tem direito a ela.

Necessário se tornava, dar a conhecer esta organização que revela ser para os seus associados mais do que uma distração.

É algo de muito elevado. É a preparação para a vida, é o início dum carreira.

E por ser uma preparação invulgar entendo poder dar aos dirigentes e associados da ADA filmes, sinceros parabéns.

JOÃO MENDES

O Colheiro de Bel Tenebroso

ACME (Fafe). — Não sei se a grafia do teu pseudónimo é exactamente a que adoptei. Por isso ponho a menção de origem da tua carta para te orientares. — Como viste, já estás inscrito no «Clube do Animatógrafo». — Poderás escrever-me sempre que quiseres. De bom grado, te atenderei.

CONDE MISTERIOSO. — Começas por me dizer «que não tens assunto para me escrever» e enches 10 fôlhas de papel de carta! Ainda bem que a Inspiração não desceu até ao bico da tua pena, de contrário receberia, pela certa, uma carta, do tamanho de um volume da enciclopédia. — Lamentável a avaria que me relatavas e que impediu o público, aí da terra, de ver *Príncipe de Gales* Demais, um bom filme! — Os técnicos a que alude o anúncio deveriam seguir para a Argentina. — O nosso camarada de redacção agradece as palavras que dedicas ao livro dele, que acabaste de ler. Quando vires *João Ratão*, verás que o livro está escrito sobre o filme, e que se não afasta dele.

J. D. N. N. A. M. — Por pouco, era o abecedário todo! Apre! Não necessitavas, amigo (*deixa-me tomar fôlego, para não falhar nenhuma das letras...*) J. D. N. N. A. M., de pedir licença para entrar nesta secção. A porta está sempre aberta, como «consultórios» que é. A consulta é grátis. Escreve, pois. Cá fico à tua espera!

UMA PORTUGUESA QUE NÃO É TROCISTA. — Ainda bem! Fico mais descansado! — espero que arranjes tempo para me escrever. Entreguei, a quem de direito, a senha de voto!

DONALDA. — A carta que me escreves é um modelo de resignação. Ainda bem. Vejo que estás menos sujeita aquelas crises de «mau génio», que se desencadeavam, sempre que as respostas tardavam... — Não te desconsolares pelo português, a que te referes, pelo casado com uma estrangeira. Talvez seja um bem... — Espero que sejas a primeira leitora a enfileirar na organização, em estu-

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

dos, destinada a agrupar a «nova guarda» como tu chamas aos cinéfilos de menos de vinte anos!

REY...SEM TRONO. — Respondo duma assentada a três cartas tuas: uma de 7, outra de 9 e outra de 13 do mês passado. — Escreve à Michèle Morgan para RKO-Radio Pictures, 780, Gower Street, Hollywood, Califórnia. — Filmes de Capra: *A Derradeira Glória*, *Loucura Americana*, *Uma Noite Aconteceu*, *Doído com juízo*, *Horizontes Perdidos*, *Não o levarás contigo*, *Peco a Palavra!* (Mr. Smith goes to Washington), e *Meet John Doe* (ainda por estrear). — O filme de Eddie Cantor não virá esta época a Portugal. Talvez, para o ano. — Ellen Drew: Paramount Picture Studios, Hollywood, Califórnia. — Gloria Jean aparecerá, em breve, nas telas portuguesas, em *Traquinhas Queridas*. — Com respeito a *Pureza*, sei tanto como tu!

MISS SÉCULO XX. — Acho que não deves deixar de escrever para a «Página dos Novos», pode acontecer, se o artigo não estiver à altura das circunstâncias, é não o veres publicado! — O Richard Green está ainda muito mal colocado, na escala das classificações. Por este andar, nunca mais aparece a foto. À urna, pois, admiradoras do Green! Quem sabe o que o futuro te reservará! A única coisa que te

BENJAMINA. — Desta vez não direi: «How could you be so noble!» Limito-me a murmurar: como pôde ser tão injusta?! Verdadeira e sinceramente: considere-me culpado?! — Não pense mais no assunto. Leve tudo à conta de ganhos e perdas, onde não é costume, aliás, lançar os imprevisíveis... — Tenho cá uma carta do *Zé Fernandes* para si. Como queres que lha mande? Dir-me-á, por favor. — Cá registei o seu voto para as fotos da separata: êle, o Leão medroso. Ela, a Fada Má!... Vai ser um sucesso. Estou a ver que daí por uns dias V. vota no «Homem Invisível» e naquela «Rebecca», que o Diabo haja, e de que nós não vimos um retrato sequer, talvez para compensar a indiscrição das roupas de baixo que a Danvers mostrava com uma união covente.

FLY E MARIQUITA. — Estas simpáticas leitoras descjam cartear-se, por meu intermédio, com leitores desta secção. Espero, pois, receber dentro em breve muitas cartas para lhas remeter.

JESSE JAMES. — Folgo por que *Animatógrafo*, desde o n.º 1, não deixasse ainda de te dar inteira satisfação. Bravo! — Podes escrever, sempre que quiseres para esta secção. Gostosamente te responderei. — Acho o teu pseudónimo muito Tyrónico e cinégrafico. Mãos à obra *Jesse James*, amigo. E não desanimes com a demora das respostas, porque as cartas são muitas!

CORAÇÃO COM ESCRITOS.

— Fizeste muito bem em escrever-me. Quanto mais não seja, para veres se, com o anúncio em que o teu pseudónimo se traduz, conseguirás, pelo menos, alugar um aurículo ou um ventrículo... — O documentário da Exposição do Mundo Português está em montagem. Vê-lo-emos dentro de algum tempo. É uma obra que, pela sua extensão e responsabilidade, não pode ser feita precipitadamente. E, ainda por cima, não corre o risco de perder a oportunidade. — Transmite a *Maria da Graça* o teu cartão de visita.

CAPITAO BLOOD. — Tenho consultantes em Covilhã e Tomar, de Norte a Sul do País! — Se tens, como dizes, habilidade para esgrima, acho o pseudónimo que adoptaste extremamente a carácter. No entanto, o de Portinhos, Athos ou Aramis também estariam bem... — Parece-me difícil conseguir «a música da Cavalaria Rusticana para violino» (*sic!*). Se te tens lembrado, talvez fôsse melhor pedires o Teatro de S. Carlos...

BRUNHILDE. — Tens muito bom gosto em considerares o James Stewart, no número dos teus artistas favoritos. E dos mais notáveis actores do cinema americano! — Sei perfeitamente quem tu és! Mas ignorava se querias ou não que eu remetesse a carta que cá tinha para ti, para a morada que indicaste. — Espero notícias tuas, com a maior simpatia. A propósito: ainda não consegui decifrar bem o teu pseudónimo. É o que figura no início destas linhas ou, como parece deduzir-se da tua assinatura, *Brühmihla?*

NINON. — Se viesses os infundáveis massos de cem cartas, que figuram na gaveta da minha secretária, não estranharias, *Ninon*, a demora das respostas! — É possível que vejamos, ainda na presente temporada, *It's a date*, de Deanna. — Transmito os teus cumprimentos, conforme pedes, a *Farvacas Ld.*, *Mab Illa*, *Benjamina*, *Maria Cotovia*, *Conde Azel de Fersen da Suécia*, e, em especial a *Deram-lhe uma espingarda*, a quem retribuiu as saudações que êle enviou.

TONYMAN. — Escreve à Fox-Filme, Ld., para a Rua Braamcamp, 11 r/c, Lisboa. — Rádio Films: Avenida de Duque de Loulé, 95-1.º. — Cá fica inscrito no número dos meus consultantes. Aguardo novas cartas tuas.

OUBLI. — Veremos se será possível publicar a letra de «Piccolino», do filme *Chapéu Alto*. O filme e a música vão tão longe, que me não parece fácil aceder ao teu desejo. — Vota na *Laraine Day* sempre que tiveres «coupons» e dêste modo talvez consigas ver a foto da tua apaixonada... — Transmito a *Uma loira que nunca amou* o desejo

que tens de te cartear com ela. CINÉFILO CONQUISTADOR. — Podes assinar as cartas que me enviaves com o pseudónimo e acrescenta o nome, se assim entenderes. — Norma Shearer, Eleanor Powell, Spencer Tracy, Mickey Rooney, Shirley Temple, e Clark Gable: Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia. — Este leitor deseja corresponder-se com Stuart Medeiros.

GARY COOPER EM ERME-SINDE. — Já respondi à tua primeira carta. Era, pois, desnecessário o trabalho de me mandar a cópia. — Entreguei os teus «coupons» de voto. — Bette Davis tem, de facto, na *Comédia de Amor* um desempenho magnífico.

CINÉFILO DA ILHA AZUL. — O «Clipper» trouxe-nos, da Horta para cá, as tuas saudações amigas. — Espero agora que me escrevas, como dantes. — Registo o agrado com que *Animatógrafo* foi recebido na Ilha Azul e o interesse que te merecem as críticas dos filmes. — Até à próxima!

OLIVA PALITO. — Creio, piamente, que, de ano para ano, o Cinema te vá agradando, cada vez mais. É uma Arte sublime, que de dia para dia nos surpreende e entusiasma! — *Pão Nosso*, como dizes, desagradou-te. O mais curioso é que são as alentejanas, como tu, que o criticam, com mais violência. — *João Ratão* é um filme agradável, muito embora, como tu também, prefira, a êste, a *Canção da Terra*, pelo seu ambiente, pelo seu tom. — Acho o teu pseudónimo demasiadamente prosaico, para uma rapariga como tu, tão dada ao romantismo. Mas estou certo de que a esquelética enamorada do Popeye ficará lisongeadada com a homenagem. — Dá por mim um abraço à autora do «post-scriptum», apesar dêle não ter sido amável, contigo, no que toca às ilustrações...

SPECTADOR. — O teu pseudónimo parece-me bem. Ante o *spectador* fico na *spectativa*... — Não há nada pior, no meio cinematográfico, do que os «falsos entendidos», que tudo criticam, que de tudo dizem mal... Acho, pois, que fazes muito bem em reagir contra essa corrente demolidora e derrotista! — Pessoalmente também prefiro *A justiça de Jene James* ao regresso do mano... — Obrigado pelas palavras amigas com que fechaste a tua carta. E espero que o teu pseudónimo continue a aparecer muitas vezes, nestas colunas.

CONDE DE MONTE CRISTO. — Apreciei vivamente a tua carta, tão sincera, tão simpática e tão amiga. — Estou certo de que serás um leitor entusiasta de *Animatógrafo*, como fôste do *Cine-Jornal*. A nossa revista procurará sempre merecer o vosso inteiro agrado. — Transmito os teus cumprimentos a todos os leitores de *Animatógrafo* e a tua alegria em vê-los todos reunidos, nesta secção.

Bel-Tenebroso



Especialistas em aparelhos e acessórios para todos os formatos de cinema de amadores. Enviaos catálogos.

Pathé-Baby Portugal, L. da R São Nicolau, 22 - Sta. Catarina, 315 LISBOA PORTO

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

«REBECCA»

GANHOU O PRÉMIO DA ACADEMIA!

GINGER ROGERS
e **JAMES STEWART**

SÃO OS MELHORES DE 1940!

Mais resultados

Conforme prevíamos, antes de fecharmos o nosso jornal recebemos o telegrama de Hollywood com os resultados do concurso da Academia, cujos candidatos damos na página central.

Esses resultados, proclamados no banquete do Biltmore Hotel, são os seguintes:

- O melhor filme — «REBECCA», da United Artists.
- O melhor realizador — JOHN FORD, pela realização de «The Grapes of Wrath», da Fox.
- A melhor actriz — GINGER ROGERS, pela interpretação de «Kitty Foyle» da R K O.
- O melhor actor — JAMES STEWART, pela interpretação de «The Philadelphia Story», da Metro-Goldwin-Mayer.
- O melhor argumento original — «OS SETE CAVALEIROS DA VITÓRIA» (North West Mounted Police), de ANN BOCKINS, para a Paramount.
- O melhor decorador — CEDRIC GIBBONS, director artístico da M. G. M., pelas decorações de «Pride and Prejudice».
- O melhor som — DOUGLAS SHEARER, director de som da M. G. M., pelo registo sonoro de «Strike up the Band».
- Os melhores truques — «O LADRÃO DE BAGDAD», de Alexander Korda, para a United Artists.

Este ano não há razão de queixa. Os «Oscars» (nome familiar das estatuetas atribuídas pela Academia) ficaram em boas mãos.

O filme premiado com o galardão máximo, «Rebecca», já fôra, como dissemos, considerado o melhor de 1940 pelos críticos cinematográficos americanos. Não é freqüente coincidirem ambos os inquiridos, o que mais valoriza os resultados. Já o vimos, e não temos nada a opor, nem certamente o público português, que o distinguiu com um êxito invulgar. Parabéns à Sonoro-Filme.

O realizador, a actriz e o actor eleitos também têm a nossa maior simpatia.

Note-se que o argumento premiado não figura entre os candidatos propostos pela Academia.

No próximo número completaremos e analisaremos estes resultados, sujeitos a confirmação no que se refere aos prémios técnicos.

A FEIRA DAS FITAS

(Conclusão da pág. 15)

res, se a lêssem. Para a compreender é preciso também compreender e apreciar o Cinema — na essência do modo de expressão que constitui, e não como um simples passatempo. Essa compreensão e esse aprêço podem derivar excepcionalmente da intuição, mas em regra só se adquirem com prolongado comércio e atenta prática, como acontece com qualquer outra manifestação artística. Por isso não será fácil encontrar, entre os indivíduos que vêem fitas há 20 anos, desde a época heróica das «séries» do Olímpia, quem não compartilhe o nosso entusiasmo por «Destry rides again», no qual, aliás, comungarão todas as pessoas bem formadas, com sangue na guelra e mocidade de espírito. As outras hão-de torcer o nariz, hão-de chamar-lhe «fita de cow-boys», em tom de depreciação — como se a atmosfera do Far-West fôsse, por princípio, inferior ou menos digna de prender a atenção das gentes do que qualquer outra. O género cow-boy o que precisa é de ser tratado com as mesmas preocupações de verdade humana, de inteligência, de espírito, que se exigem para os outros géneros. O resto é paisagem, pretensão snob ou possidonismo.

Ora em «A Cidade Turbulenta» (neste filme, para tudo ser bom, até o título português é magnífico) o género cow-boy — se assim o quiserem considerar — foi tratado com absoluta felicidade, debaixo de todos os aspectos. A história tem realidade flagrante, uma pontinha de ironia, e a sua «moralidade»; as figuras apresentam-se todas com o indispensável volume, com personalidade vincada e por vezes original (o protagonista, com a sua filosofia e as suas parábolas, é um verdadeiro achado); a atmosfera foi reconstituída com eloquência invulgar, para o que contribue o ritmo vigoroso e rápido da representação e da montagem — perfeitamente adequado ao assunto e ao género do filme; e assim por diante. Em conjunto ou em pormenor tudo foi cuidado com inteligência e com espírito, e por isso mesmo todo o filme tem humanidade verdadeira.

«A Cidade Turbulenta» representa um enorme triunfo para o produtor Joe Pasternack, e para a sua gente — isto é, para a *équipe* que tem realizado a pasmosa série dos filmes de Deanna Durbin. Comparem agora, façam favor, essas comédias adoráveis com «Destry rides again», e concluam conosco — façam favor, outra vez! — que é preciso saber muito do ofício, ter a perfeita noção do que seja fazer Cinema, para se obter tão bons resultados em tão diferentes géneros.

O realizador foi George Marshall — roubado ao teatro pelo Cinema, como aconteceu com George Cukor, e que, como George Cukor, demonstrou compreender a diversidade de processos entre a encenação teatral e a cinematográfica. Marshall «mexeu» todos os seus intérpretes, desde Marlène à figuração, com mão de mestre e um endiabrado movimento — que Milton Carruth soube apro-

veitar e valorizar até, na sua esplêndida montagem.

Muito haveria a dizer ainda, sobre este filme, mas o «Animatógrafo» não é elástico. Por isso passamos já ao capítulo interpretação, começando por Marlène, que «A Cidade Turbulenta» restituiu ao esplendor de «O Anjo Azul» e de «Marrocos». Marlène, de novo no seu *emploi*, reencontrou a sua melhor forma, representando, cantando algumas canções magníficas de Frederick Holländer, e até jogando à pancada com convicção e brio. James Stewart tem mais uma enorme criação, numa figura que lhe vai a matar, mas à qual ele faz «render» tudo, expremendo-a até ao fim como grande actor que é. Todos os outros intérpretes estão à altura dos protagonistas e da obra, merecendo citar-se Charles Wimingger (o «Sheriffs»), Mischa Auer, Brian Donlevy («Kent»), e Samuel S. Hinds (o «governador»). — D. M.

“PRÓLOGO DE UMA GUERRA”

(De Mayerling à Serajevo)

O cinema francês deixou neste filme a sua derradeira marca, antes do calapso que atingiu o país de além Pirinéus. Em todos os seus pormenores, é uma obra caracteristicamente francesa que revela bem as possibilidades que os estúdios parisienses ofereciam já.

Max Ophüls não pretendeu, decerto, fazer um filme histórico, na pura acepção da palavra. Quis antes aproveitar factos históricos, que ficaram gravados já no nosso tempo, para néles buscar a acção de um drama que veio a ter repercussão nos nossos dias.

O filme reveste assim certa oportunidade e, até mesmo, curiosidade. Pretende-se justificar o actual conflito europeu na revolta que começou a gerar-se nesse período agitado que vai de Mayerling a Serajevo — duas etapas do mesmo drama de um grande império.

Ao filme, em que inteligentemente se intercalaram pedaços de documentário como «fundo histórico», não falta magnificência nos ambientes onde floresce o amor entre o arquiduque Francisco Fernando e a duquesa de Hohenberg; nem realismo nas cenas agitadas que culminam no desfecho trágico verificado no dia 28 de Junho de 1914, na sossegada vila de Serajevo. Em bom andamento cinematográfico, sem precipitações, tudo é contado com clareza, acelerando-se o ritmo até à cena final, que se adivinha através das bem preparadas imagens que a precedem.

Edwige Feuillere destaca-se no desempenho. Outros intérpretes de categoria vemos a seu lado como: Dorziat, John Lodge e Aimé Clariond.

Dois bons momentos do filme são o diálogo entre a condessa e a duquesa, quando se encontram pela primeira vez, e o discurso do arquiduque em Serajevo. — A. F.

Assinem o
«ANIMATOGRÁFO»

PAULETTE GODDARD É O NOVO PAR DE FRED ASTAIRE!



Desde que deixou de dançar com Ginger Rogers, Fred Astaire tem andado indeciso à procura dum novo par. Depois de Joan Fontaine e Eleanor Powell, coube agora a vez de Paulette Goddard, em «Second Chorus», da Paramount. A avaliar por estas fotografias, chegadinhas de fresco, «Animatógrafo» faz um prognóstico: Paulette e Fred não se largam tão cedo... se o sr. Chaplin, marido de Paulette, consentir...



Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



BETTY FIELD e BURGESS MEREDITH no filme «AS MÃOS E A MORTE», obra-prima que «Animatógrafo» e a «Sonoro-Filme» vão apresentar

LER NESTE NÚMERO: O ARTIGO DE FUNDO «EM DEFESA DAS OBRAS-PRIMAS»